

TSLOPE

Edição 22 - 6/2/26



Donald Trump,
presidente
dos EUA



Melania Trump,
primeira-dama
dos EUA



Bill Clinton,
ex-presidente
dos EUA



Hillary Clinton,
ex-secretária de
estado dos EUA



Bill Gates,
cofundador
da Microsoft



Andrew Mountbatten-
Windsor, ex-príncipe
do Reino Unido



Peter Mandelson, ex-
embaixador britânico nos EUA



Richard Branson,
fundador do
grupo Virgin



Elon Musk, fundador
da Tesla e do SpaceX



Steve Bannon,
ex-estrategista-chefe
da Casa Branca



Noam Chomsky,
linguista e filósofo



Jeffrey Epstein

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Os arquivos deixados pelo magnata Jeffrey Epstein, abusador sexual de menores morto na prisão em 2019, se transformam em uma herança maldita que agora assombra a aristocracia econômica e política global em revelações repugnantes

Capa

Página
14



U.S. JUSTICE DEPARTMENT

Jeffrey Epstein ao lado de Ghislaine Maxwell, então namorada e cúmplice

Índice

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE REUTERS, AFP E DIVULGAÇÃO

3 ENTREVISTA

6 BRASIL



GERALDO MAGEL/AÉGÉNCIA SENADO

12 ECONOMIA

14 INTERNACIONAL

23 SAÚDE

24 GENTE

26 ESPORTE

30 ESTILO DE VIDA

34 ENTRETENIMENTO

39 MEMÓRIA

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



WILLIAM GOMES

Instituto Inhotim (MG) comemora 20 anos

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORIA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/@revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaISTOE](https://www.x.com/@revistaISTOE)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



"O Brasil vive uma encruzilhada"

Para Aldo Rebelo, é preciso retomar agendas negligenciadas, como a da segurança

Ex-ministro da Defesa e ex-presidente da Câmara dos Deputados, Aldo Rebelo (DC) afirma que a postura de Donald Trump ao colocar os interesses dos Estados Unidos acima de acordos e convenções internacionais acabou naturalizando a defesa do interesse nacional. Para Rebelo, pré-candidato à

presidência da República, o Brasil deve aprender com esse movimento e rever entraves legais e institucionais que, segundo ele, impedem a exploração de petróleo, terras raras e outros recursos estratégicos, travando crescimento, renda e soberania econômica.

Leonardo Rodrigues

Por que o senhor deseja se eleger presidente da República?

O Brasil vive uma espécie de encruzilhada histórica. O país patina na economia e vive aquilo que chamam de voo de galinha, ou seja, não consegue crescer. Isso não acontece porque é um país inviável economicamente, mas porque há um bloqueio institucional que tem de ser retirado. É preciso enfrentar o problema da desigualdade, elevando a qualidade da educação. Recuperar a capacidade de diálogo, conversar sobre os problemas sem ódio, e retomar agendas que foram negligenciadas, como a da segurança. Você anda na avenida Paulista, na principal cidade brasileira, e é o lugar onde mais se rouba celular no mundo. O delegado que investigou o PCC [Ruy Ferraz Fontes] foi assassinado no estado de São Paulo em plena luz do dia. Na Amazônia, há um problema de segurança nacional, com as fronteiras sob controle do narcotráfico. Os Estados Unidos fizeram uma operação militar na Venezuela, às portas da Amazônia brasileira, e quais foram as providências? Nenhuma. Temos um governo que só pensa em aumentar despesa e impostos, sem construir um caminho para o país crescer. Tenho o desafio de oferecer minha experiência e minhas ideias para o rumo novo que o Brasil precisa tomar.

O senhor passou por cinco partidos mais estruturados, com tempo de televisão, palanques nos estados e representação no Congresso, antes de chegar ao Democracia Cristã. Por que concorrer nesta sigla?

O partido foi a oportunidade que me foi oferecida. Conheço o presidente [João Caldas], que integrou a mesa da Câmara comigo, e ele me garantiu que eu ficaria à vontade para defender minhas ideias. É um partido pequeno, não dispõe de bancada ou fundo eleitoral, mas ao mesmo tempo isso lhe garante não ter dono, não ser comandado pelo Supremo Tribunal Federal, pelos interesses do capital financeiro, dos bancos da Faria Lima e das corporações que mandam no país. Será um partido independente nas eleições, para fazer as críticas necessárias e defender as soluções adequadas. Na minha vida política, sempre fiz campanhas sem di-

nheiro, o que ao mesmo tempo era uma desvantagem e também me garantia independência. Com essa independência eu passei por quatro ministérios, pela presidência da Câmara, secretarias estaduais e municipais sem ter processo no Supremo, sem ter uma conta rejeitada por Tribunais de Contas ou uma ação no Ministério Público.

Um desses ministérios foi a Defesa, até o final do governo Dilma. O atual chefe da pasta, José Múcio, defende o investimento de 2% do PIB brasileiro na área – hoje, o valor está na casa de 1,1%. A Defesa tem o quinto maior orçamento da União. Como defender o aumento diante das necessidades de áreas como saúde e educação?

A segurança é um elemento importante da vida do país. Eu já vivi em uma casa sem piso, onde o chão era de barro, mas nunca vi uma casa sem porta, sem fechadura. O Brasil tem 17 mil quilômetros de fronteiras, mais de cinco milhões de quilômetros de águas jurisdicionais para administrar, e precisa ter forças armadas compatíveis com seu tamanho, seu destino e sua responsabilidade. Todo nosso comércio é pelo mar. Na Segunda Guerra, os alemães enviavam seus submarinos, armas navais e cruzadores afundarem os navios de transporte de grãos e carne para a Inglaterra. O Brasil precisa proteger seu comércio exterior, o que depende de termos marinha, força aérea e exército fortes. O ministro José Múcio tem toda a razão em sua exigência. Quando fui ministro [2015 a 2016], o Brasil tinha o menor orçamento proporcional para a Defesa entre os países da América do Sul, e um dos menores do mundo.

A ampliação dos investimentos em Defesa ganha força como instrumento diplomático de muitas nações pelo mundo, enquanto o governo Lula apostava no multilateralismo e nos acordos vigentes. Esse modelo está ultrapassado?

Não creio, acho que o multilateralismo é importante. Quando fui ministro do Esporte [2011 a 2015], organizando a Copa do Mundo, nós tínhamos receio de atos de terrorismo, porque



LEONARDO MONTEIRO/ISTOÉ

havia delegações como as de Rússia, Irã, Inglaterra, França, Alemanha, em complicações dessa dimensão. Fizemos um trabalho de cooperação com os serviços de inteligência dos países vizinhos e de outras nações para receber informação sobre atividade suspeita nas nossas fronteiras. Esse é um exemplo de multilateralismo eficiente. Para isso, nosso serviço de inteligência, a nossa polícia precisa ser eficiente — em última instância, a polícia da Colômbia, do Paraguai, do Uruguai ou da Argentina não vai operar dentro do Brasil. Nós temos de ter nossos próprios meios para a cooperação ter uma função relevante, porque, senão, ficaremos dependendo da eficiência alheia, o que não pode se tornar realidade dentro das nossas fronteiras.

Por que a segurança não é prioridade para o atual governo Lula?

O conceito que o governo tem da violência é ultrapassado. A violência não é um problema social em primeiro plano. É, principalmente, um problema policial. O crime organizado não se faz porque o criminoso precisa do dinheiro para fazer a feira. Não é um estado de necessidade social. Não é o faminto da seca do Nordeste que entrava numa cidade e saqueava uma feira ou um mercado para matar a fome. A delinquência do crime organizado, do narcotráfico,

obedece a outra natureza. Então, há um problema essencialmente policial. Esse problema tem de ser no plano da infantaria, como foi o caso da operação no Rio de Janeiro [que deixou 121 mortos em comunidades em outubro de 2025], que foi atrás daqueles que estavam mobilizados naquelas áreas. Mas há também o Estado Maior, que não está na favela, e sim em condomínios de luxo. Para combatê-lo, precisamos dos serviços de inteligência da Polícia Federal, da Abin, das polícias civis, militares, da Receita Federal, do Coaf. É preciso combinar esses dois movimentos de repressão, para desarticular [as facções] em baixo e em cima.

Nos últimos meses, propostas como o PL Antifacção e a PEC da Segurança Pública foram apresentadas para o combate ao crime organizado, mas nenhuma delas avançou. Ao que o senhor atribui essa estagnação?

Essa agenda também se transformou em palco de disputa ideológica, onde grupos de governo e oposição não buscam o denominador comum; eles partem da ideia de que é preciso em primeiro lugar divergir e disputar, e não buscar a convergência e o interesse do cidadão. Em São Paulo, por exemplo, as polícias militar e civil são eficientes, e o que explica que um ex-delegado-geral seja assassinado à luz

do dia? Claro que o problema não está na eficiência policial, mas na direção desse aparelho. A PF não confia na Civil, que por sua vez desconfia da Militar. A Abin não interage com as demais forças. Então, há um desperdício de força, energia e meios. E quem ganha com isso é o crime organizado.

O senhor atribuiu ao interesse no petróleo a operação militar dos EUA na Venezuela para prender Nicolás Maduro. O Brasil faz o suficiente para proteger e ter soberania sobre seu próprio petróleo?

Nós precisamos agradecer ao presidente Donald Trump por ter naturalizado o nacionalismo. Antigamente isso era visto com desconfiança, como se fosse algo anacrônico, do passado. Ao colocar o interesse dos EUA em primeiro lugar, o presidente americano naturalizou que possamos colocar o interesse do Brasil em primeiro lugar. Os EUA nunca tiveram a agenda da democracia como uma coisa importante, e o mundo sabe disso. Aqui foi derrubado um governo democrático eleito, do presidente João Goulart. Foram derrubados governos democráticos no Chile, Uruguai e Argentina, enquanto os EUA mantêm relações muito próximas com países que não têm democracia, como a Arábia Saudita e os Emirados Árabes. A prova disso é que os EUA compuseram com a vice-presidente de Maduro [Delcy Rodríguez]. Não trouxeram para o governo a ganhadora do Nobel, Maria Corina Machado. O americano não precisa da hipocrisia; ele tem tanta força que depois declarou o desejo pelo petróleo. O Brasil não é a Venezuela. É um país muito mais complexo, com uma imagem diferente e onde não há um governo ilegítimo, resultado de uma fraude eleitoral. Temos um governo que, aos olhos do mundo, funciona com suas instituições, apesar dos exageros e da morbidez da relação entre os Poderes. O Brasil não está na área de risco de uma intervenção militar, mas na área de risco de um bloqueio ao desenvolvimento, que já está em curso. Não podemos explorar o petróleo da Margem Equatorial ou da bacia de Pelotas, explorar o potássio do Amazonas, o cobre e o fosfato da reserva do Amapá. Precisamos enfrentar esse bloqueio, que não é externo, mas institucional.



O Ibama deu aval aos estudos exploratórios na Margem Equatorial e as terras raras ganham centralidade na economia global. O que o Brasil perde ao não explorar devidamente seus recursos?

O Brasil está imobilizado pelo licenciamento ambiental. Quem vai investir em um país onde se sabe que um processo de licenciamento pode levar de cinco a 50 anos? Não se pode ter um processo que depende de tantos órgãos — Ibama, Funai, Ministério Público e poder estadual. Isso afasta investimentos. Portanto, nosso problema econômico é institucional. Sem esses obstáculos, o Brasil pode dobrar a geração de energia elétrica na Amazônia, explorar a Margem Equatorial, que rende US\$ 20 bilhões por ano à Guiana, e os insumos do potássio e do fosfato para a agricultura. Ao remover essas restrições, o Brasil terá resolvido seu problema fiscal e alcançará, em quatro anos, uma taxa de crescimento de 4%. Investidores internacionais virão para o Brasil se houver essa garantia. O que fez a prosperidade da Noruega foi o fundo soberano de petróleo; do Canadá, os minérios em terras indígenas. E o Brasil segue congelado.

O governo Lula enfrenta esses obstáculos?

Não, o governo atual é o governo do bloqueio. O presidente do Ibama nunca

pisou no Amapá, um estado onde 73% da população vive de Bolsa Família e que tem a exploração dos recursos de petróleo bloqueada. O presidente Lula é cúmplice disso, porque dentro do seu governo estão as instituições que bloqueiam qualquer tipo de investimento que gere renda, emprego, tributos e divisas para o país. Elas estão no Ministério do Meio Ambiente, no Ibama, na Funai e no Ministério dos Povos Indígenas.

O senhor foi ministro de Lula em um período de avanço expressivo da exploração de petróleo no Brasil. O bloqueio não ocorria na época?

Ocorria, mas com limites, porque havia dentro do governo gente que defendia o desenvolvimento, como eu, Roberto Rodrigues, Luiz Fernando Furlan e uma base defensora do desenvolvimento no Congresso. Depois de ser preso e prestes a disputar uma eleição polarizada, Lula buscou apoio internacional, no partido Democrata e nas embaixadas da Dinamarca, da Noruega e da Suécia, que financiam essas ONGs, e se compôs. Havia dúvida se ele escolheria Marina Silva como ministra do Meio Ambiente e esse presidente do Ibama, mas isso foi imposto. O presidente se tornou uma espécie de refém dessa agenda internacional. Ele recebeu apoio dessas organizações e agora está retribuindo, parando o Brasil de Norte a Sul. ■



Alcolumbre e Motta abrem o ano legislativo: apesar de arestas, a pauta deve seguir os pedidos do governo

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

O ano D dos poderes

Legislativo e Planalto querem avançar pautas populistas de olho nas eleições no fim do ano, enquanto o STF deve focar em problemas internos para sair do protagonismo dos debates públicos

João Vitor Revedilho, de Brasília

O ano de 2026 mal virou e as articulações em Brasília já estavam intensas. Rachado com a cúpula do Congresso Nacional, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) precisou “se virar nos 30” para conseguir apaziguar as relações com os presidentes da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

Enquanto o primeiro tinha se afastado do governo após as críticas pelas mudanças do PL Antifacção, o segundo não aceitou a indicação de Jorge Messias, ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU), para uma

cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF). Logo no primeiro dia oficial de trabalhos do legislativo, a situação parecia mais simples, mas ainda tensa. Nas últimas semanas, Lula tratou de se reunir com Motta e Alcolumbre para tentar contornar as crises, mas deixou de marcar presença na sessão que deu início ao ano do Congresso. Em seu lugar, mandou o ministro Rui Costa, da Casa Civil, responsável por entregar a mensagem presidencial com as prioridades para o ano.

Apesar das arestas, a pauta legislativa deve seguir basicamente os pedidos do governo. Com as eleições se aproxi-

mando, deputados e senadores devem agilizar a tramitação das propostas para reduzir o ritmo dos trabalhos a partir do segundo semestre e focar em seus redutos eleitorais.

Para isso, parlamentares cogitam semanas mais apertadas para caber todo o calendário de votações prioritárias para o ano. O Planalto quer emplacar projetos populistas, além de surfar na onda da segurança pública. Logo após o Carnaval, por exemplo, Câmara e Senado devem focar na análise do acordo União Europeia-Mercosul, assinado no meio do mês passado. A proposta que prevê a parceria entre os dois blocos econômicos é vista pelo Planalto como uma vitória de Lula após 25 anos de negociações.

O petista quer forçar o Congresso a aprovar os projetos mais sensíveis com unanimidade. Para isso, o governo tem como prioridade número 1 a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que acaba com a escala 6x1 de trabalho. O texto está travado na Câmara dos Deputados e deve ser usado como uma das principais bandeiras de Lula para embalar sua candidatura à reeleição neste ano. A pauta segue as expectativas da reforma do Imposto de Renda, com chances de aprovação tanto da base quanto da oposição. Para interlocutores

Fachin tem o código de conduta como prioridade para a sua gestão

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO



do Planalto, seria “quase impossível” haver votos contrários a um projeto populista em pleno ano eleitoral.

Outra pauta sensível que entrará em discussão, mas com chances de embates entre governistas e opositores é a regulamentação de aplicativos de transporte e entrega. A ideia é forçar as empresas a fixarem uma remuneração mínima por corrida, além de pagar a Previdência Social dos membros cadastrados nos apps. As duas pautas devem ser capitaneadas pelo ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, que tem liderado as discussões sobre os temas no Palácio do Planalto.

Lula ainda pretende surfar na pauta da segurança pública para tirar do PT o estigma de desinteresse no tema. Nos últimos anos, a esquerda se afastou do setor, dando para a direita a chance de ganhar espaço sobre o assunto. O Planalto quer foco na PEC da Segurança Pública, deixada pelo ex-ministro Ricardo Lewandowski no ano passado. Relator do texto, o deputado Mendonça Filho (União Brasil-PE) chegou a se reunir com as bancadas do Centrão e com o novo ministro da Justiça, Wellington César, nesta semana. Ele apresentou o texto-base e quer angariar apoios para conseguir emplacar o projeto nos próximos dias. A tendência é que a votação fique para depois do Car-

naval, sendo o segundo texto na lista de prioridades do Congresso Nacional.

Na lista também está o PL Antifacção, responsável pela discordância entre Motta e o Planalto, e que pode voltar a estremecer as relações nos próximos meses. A proposta sofreu severas alterações no Senado e retornou às mãos do deputado Guilherme Derrite (Progressistas-SP), ex-secretário de Segurança Pública do governo de São Paulo e membro do bloco oposicionista ao governo Lula. A escolha do nome por Hugo Motta causou incômodo à cúpula palaciana na ocasião, mas o presidente da Câmara bancou o seu escolhido após os impasses. Um líder do Centrão apontou para a reportagem de IstoÉ que, ao contrário do último ano, as negociações do texto com os petistas deve ser mais tranquilo. Ele coloca a saída de Lindbergh Farias (PT-RJ) e a chegada de Pedro Uczai (PT-SC) na liderança do partido como o principal motivo para conseguir avançar em um acordo caso parte do relatório de Derrite retorne à mesa.

Por fim, o Planalto quer dar uma sinalização ao público feminino e emplacar um “Pacto contra o Feminicídio”. A ideia foi lançada na quarta-feira, 4, em um evento no Palácio do Planalto e deve contar com a elaboração de leis para prevenir crimes contra mulheres, além

de penas mais duras para os suspeitos. Os textos também devem abranger projetos para a saúde mental e integridade física das vítimas. As propostas que podem entrar em discussão, no entanto, ainda não foram detalhadas.

A incógnita do código

Se o Legislativo e o Executivo devem ter anos decisivos pensando nas eleições, o Supremo Tribunal Federal (STF) também deve viver uma temporada de impasses. O principal deles está no Código de Conduta defendido pelo ministro Edson Fachin, presidente da Corte. Ele quer impor um perfil discreto aos ministros da Suprema Corte, limitando participações em eventos e declarações públicas. Fachin quer seguir as regras do código de conduta da Corte alemã, tirando o STF do protagonismo dos debates.

O presidente do Supremo tem o novo código como prioridade para a sua gestão e tenta forçar a tese ainda neste ano após nomear a ministra Cármel Lúcia como relatora da proposta. Mas a ideia não agrada parte dos ministros. A resistência maior está em Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e no decano Gilmar Mendes. O impasse foi colocado a público nesta semana, após Moraes e Toffoli defenderem, durante um julgamento, a participação de ministros em sociedade de empresas.

Desde as primeiras vezes em que a proposta foi colocada à mesa, o presidente da Corte está parcialmente isolado. Ele chegou a convocar uma reunião com todos os colegas, mas foi obrigado a adiar o encontro por receio de não haver quórum. Uma nova data deve ser marcada para depois do Carnaval.

Apesar do assunto principal girar em torno do código, Fachin também quer pautar outros temas como processos que tratam sobre uso das redes sociais, segurança pública e violência contra as mulheres. Outro tema que pode entrar em pauta no STF é a relação trabalhista entre motoristas de aplicativo e entregadores com as empresas de transporte e delivery. Fachin é relator de processos que tratam do assunto e quer avançá-los ainda neste ano. O tema, inclusive, foi o primeiro a ser pautado quando assumiu a Corte em outubro do ano passado. ■



Pacheco é a aposta petista para o governo, mas articulações esfriaram; Nikolas negou a intenção de concorrer ao cargo

PDT com a possibilidade de reeditar a aliança com Lula em 2022, quando deu palanque ao petista, mas foi derrotado pelo governador Romeu Zema (Novo). Ele se reuniu com dirigentes petistas no fim de 2025, mas aliados relataram à reportagem que, nas últimas semanas, a falta de gestos do PT e pesquisas internas levaram Kalil a começar a preparação de sua campanha ao governo de forma “independente”.

No partido, quem defende seu nome é Marilia Campos, prefeita de Contagem e pré-candidata ao Senado. “Se Pacheco declina e Kalil se coloca, temos de apoiar de primeira mão e trabalhar essa liderança. Não podemos perder o bonde da história”, disse.

No outro polo, o palanque de Flávio perdeu nesta semana sua alternativa mais popular com a negativa de Nikolas Ferreira (PL) em ser candidato ao governo mineiro. O parlamentar afirmou que concorrerá à reeleição porque considera sua atuação nacional mais importante para a direita.

O fantasma que cerca o bolsonarismo são as eleições de 2022. Na ocasião, Zema só anunciou apoio a Jair Bolsonaro (PL) no segundo turno, quando estava reeleito. Na leitura de analistas, a falta de engajamento do governador na campanha do ex-presidente ajuda a explicar a vitória apertada que Lula teve no estado: 50,20% a 49,80% no segundo turno.

O receio é de que o vice-governador Mateus Simões (PSD), que assumirá o governo em abril para concorrer à reeleição, faça o mesmo. O PSD lançará nome próprio ao Palácio do Planalto e, mais importante, Simões tem um acordo com Zema para apoiar sua candidatura presidencial — que deve se confirmar, apesar dos apelos do PL para tê-lo como vice de Flávio.

A exigência de fidelidade também afastou do palanque de Flávio o senador Cleitinho Azevedo (Republicanos). Líder nas pesquisas para o governo, o parlamentar teve rusgas com o ex-deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), perdeu adesão do bolsonarismo e passou a emitir sinais duvidosos quanto à participação na eleição. Nesta semana, colocou o assunto em compasso de espera em razão do diagnóstico de seu irmão mais novo, Matheus, com leucemia. ■

Corrida contra o tempo em Minas

Lula e Flávio Bolsonaro enfrentam entraves para garantir palanques forte no estado que “decide” quem se elege presidente

Leonardo Rodrigues

Líderes nas pesquisas de intenção de voto para a presidência da República, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL) têm em Minas Gerais um dos maiores entraves a suas articulações para o pleito. Nos últimos dias, aliados de ambos reforçaram negociações para garantir que eles tenham palanques fortes no estado.

O esforço se justifica não só porque Minas é o segundo maior colégio eleitoral do país, com mais de 16 milhões de votantes, mas porque o estado “decide” quem sobe a rampa do Palácio do Planalto há quase oito décadas — no período, apenas Getúlio Vargas se elegera presidente, em 1950, sem ter maioria dos mineiros.

Lula e Flávio correm contra o tempo. O petista decidiu retomar a aposta no ex-presidente do Senado Rodrigo

Pacheco (PSD) para ser seu candidato a governador. Desde que ele foi preferido na disputa pela vaga deixada por Luís Roberto Barroso no Supremo Tribunal Federal — Lula indicou Jorge Messias, advogado-geral da União —, o palanque projetado pelo presidente ficou mais distante e as articulações neste sentido esfriaram. Nos últimos dias, interlocutores voltaram a crer na possibilidade e PSB e União Brasil surgiram como hipóteses para receber a candidatura.

Diante da incerteza que cerca o nome de Pacheco, petistas passaram a cogitar a reitora da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), Sandra Goulart, e o PV convidou o ex-prefeito de Belo Horizonte Márcio Lacerda para se filiar — hipótese que ele descarta, porque está afastado da vida partidária.

Também ex-prefeito da capital mineira, Alexandre Kalil se filiou ao

Só depende de Haddad

Ministro da Fazenda é pressionado para decidir seu futuro político, que poderá definir o caminho de Simone Tebet e Marina Silva para as eleições deste ano

João Vitor Revedilho, de Brasília



Haddad deve cravar seu destino em uma reunião com Lula após o Carnaval

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Próximo de deixar o Ministério da Fazenda, Fernando Haddad terá uma dor de cabeça para encarar pela frente. Resistente em ser candidato, o ministro sofre uma forte pressão do PT para se lançar ao governo do estado de São Paulo para enfrentar o atual mandatário, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Falta apenas o sinal verde do próprio Haddad para sair oficialmente.

O prazo é curto. Correligionários querem a decisão até o fim de março para passarem a articular quem será o vice e planejar as estratégias para as campanhas ao Senado. O ministro de-

ve cravar seu futuro em uma reunião com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que será marcada após o Carnaval. Aliados acreditam que esse encontro deve ter um desfecho positivo e que Haddad não recusaria um pedido de Lula.

Haddad, no entanto, está resistente. Para Lula, ele disse não querer ser candidato e apontou a vontade de ficar na coordenação da campanha de reeleição do petista. Mas interlocutores do partido avaliam que ele terá um peso fundamental na campanha. Para eles, o ministro tem mais importância na dis-

puta pelo Palácio dos Bandeirantes do que no Senado, outro cargo em que está cotado para disputar. Um importante nome da legenda disse que a repetição da dobradinha de 2022 pode fortalecer Lula na candidatura à reeleição do petista. Por outro lado, aliados admitem que concorrer a uma vaga ao Salão Azul garantiria uma cadeira para o PT.

A decisão de Haddad pode definir o futuro de outras duas personagens que terão destaque nas eleições para os petistas. As ministras Simone Tebet (Planejamento) e Marina Silva (Meio Ambiente) estão nos planos da cúpula governista para o Senado em São Paulo. Marina já está trabalhando pela sua candidatura para retornar ao Salão Azul, já ocupado por ela entre 1995 e 2011. Para isso, o PT quer agilizar a filiação partidária dela, mesmo com a concorrência do PSOL.

Além de Haddad, Simone também é incógnita. A ministra depende do colega e de Lula para definir seu futuro. A primeira decisão trata da mudança do domicílio eleitoral. A cúpula petista quer colocá-la na disputa em São Paulo, mas não está descartada uma candidatura ao Senado por Mato Grosso do Sul, estado natal dela. O segundo ponto é a dependência de Haddad para definir seu caminho em São Paulo. Caso o ministro da Fazenda seja candidato ao governo, Simone disputará o Senado. Se ele concorrer ao Salão Azul, a ministra será a preferência para a disputa para o Palácio dos Bandeirantes.

No segundo cenário, há uma preocupação com o potencial de votos que ela poderá transferir para Lula na dobradinha. Ela tem dito a interlocutores que pode prejudicar o petista se concorrer ao Bandeirantes. A análise é que Simone ainda tem um eleitorado próximo de centro, que pode pender para o adversário de Lula na eleição presidencial.

Quem ficou de fora da lista de preferência é o ex-governador e ministro do Empreendedorismo, Márcio França (PSB). Apesar de estar na lista de cotados, França está longe do sonho de disputar o Palácio dos Bandeirantes, de acordo com aliados petistas. Atualmente, ele é o plano C para a disputa e só concorrerá ao posto caso Haddad e Simone declinem do convite de Lula. ■

Dobradinha para o Senado

Em encontro com Jair Bolsonaro na Papudinha, Tarcísio alertou o ex-presidente sobre a falta de um nome para formar uma chapa vencedora em São Paulo para o Salão Azul

João Vitor Revedilho



O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), manifestou ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) sua preocupação com a formação de uma chapa que vai concorrer ao Senado – nesta eleição serão escolhidos dois representantes por estado. Ele defendeu um nome do Centrão para fazer dobradinha com Guilherme Derrite (Progressistas-SP), que

vai disputar uma das vagas para a Casa Alta. A conversa aconteceu durante a visita que Tarcisio fez ao ex-presidente na Papudinha na semana passada.

Aliados que souberam dos temas tratados entre ambos revelaram que o governador paulista defendeu a necessidade de se fazer um bom trabalho para conquistar ao menos uma cadeira no Salão Azul. Caso o empenho não esteja

à altura do desafio, Tarcísio alertou para a possibilidade de o grupo bolsonarista perder as duas oportunidades.

A tese defendida por Tarcísio segue o argumento usado por outros aliados de Bolsonaro. Como já apontado por reportagens da IstoÉ, pessoas próximas ao governador paulista defendem um nome moderado para compor a chapa ao Senado. O cálculo feito por esse grupo é que lançar dois candidatos bolsonaristas em sua essência poderia afastar eleitores, deixando o PT com mais chances de conquistar as duas cadeiras. Foi essa a tese repassada por Tarcísio a Bolsonaro.

A direta prevê que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disputará o Senado neste ano e não se candidatará ao governo de São Paulo, como está sendo aventado. A conta de aliados de Tarcísio indica que uma das cadeiras do Salão Azul ficaria com ele. A outra candidata da esquerda tende a ser Marina Silva (Rede-SP), que atualmente comanda o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.

Ainda não há o segundo nome para fazer frente a dois adversários com esse peso eleitoral. As negociações devem avançar apenas nas próximas semanas. Enquanto isso, Derrite, que foi secretário de Segurança Pública da gestão de Tarcísio, segue sendo o preferido e a prioridade do Palácio dos Bandeirantes para a corrida rumo ao Senado.

Antes, a segunda candidatura da direita na chapa paulista estava mais próxima do PL, que conta com a maior bancada na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp). A ala bolsonarista seria contemplada com a indicação de Eduardo Bolsonaro (PL-SP), mas o ex-deputado federal – que teve o mandato cassado e está autoexilado nos Estados Unidos – não será candidato.

Essa vaga, então, poderia se manter com o PL, mas no entendimento do alto escalão do governo paulista, Derrite já contempla o campo bolsonarista. Por isso, eles reforçam que a entrada de outro nome mais alinhado ao ex-presidente poderia afastar o eleitorado. ■



Patentes em risco

Ministério Público Militar enviou ao Supremo Tribunal Militar representações contra os militares envolvidos na trama golpista, entre eles Jair Bolsonaro

Luma Venâncio

Apos serem condenados à prisão pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), o almirante Almir Garnier Santos e os generais Paulo Sérgio Nogueira, Augusto Heleno e Walter Braga Netto poderão ser expulsos das Forças Armadas. O Ministério Público Militar (MPM) enviou ao Supremo Tribunal Militar (STM), na terça-feira 3, as representações de perda de posto e patente dos militares envolvidos na trama golpista.

O ex-presidente e os demais militares foram sentenciados por tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022. Como a maioria dos condenados têm patentes, cabe apenas ao STM decidir sobre perda de posto e retirada de patente.

A Constituição Federal de 1988 determina que um oficial pode ser expulso das Forças Armadas quando é condenado a mais de dois anos de privação de liberdade ou mais. Se o STM acatar

as representações, os sentenciados serão os primeiros a perderem a insígnia militar por crimes contra a democracia.

Segundo explicou o STM, cabe ao Procurador-Geral da Justiça Militar apresentar as representações para que o tribunal avalie se os militares condenados são indignos ou incompatíveis com o oficialato.

Essa representação funciona como a peça inicial do processo e dá início ao julgamento previsto na Constituição. No STM, o pedido é recebido, formalmente registrado e distribuído por sorteio a um relator e a um revisor. Uma vez distribuídas as representações, os militares têm prazo de dez dias para apresentar defesa por escrito. Caso a defesa não seja apresentada nesse período, um defensor público é designado pelo Tribunal.

Concluída essa fase, o relator prepara seu voto e, após a análise do processo pelo revisor, ambos têm direito à sustentação oral para justificar as

emissões. Encerrado o julgamento e após o trânsito em julgado da decisão, o Tribunal comunica o resultado ao comandante da Força à qual o militar está vinculado.

Caso seja declarada a indignidade ou incompatibilidade com o oficialato, a cassação do posto e da patente torna-se automática e obrigatória.

Já foram definidos, por sorteio, os relatores dos casos. Na ação contra Bolsonaro, o relator selecionado foi o ministro tenente-brigadeiro Carlos Vyuk Aquino. No caso dos demais, os relatores são ministra Verônica Sternman (Almir Garnier); ministro Barroso Filho (general Paulo Sérgio Nogueira); ministro Celso Luiz Nazareth, da Marinha (general Augusto Heleno); ministro Flávio Marcus Lancia, do Exército (general Braga Netto).

Esse tipo de julgamento dura em média seis meses. Cabe pontuar ainda que há possibilidade da representação não ser acolhida e os militares continuarem com as patentes, mesmo com a condenação no STF e os pedidos do Ministério Público.

Próximos passos

Uma vez recebido pelo STM, o pedido é formalmente registrado e distribuído, por sorteio, a um relator e a um revisor. Após a distribuição das representações, os militares têm o prazo de dez dias para apresentar defesa por escrito. Caso não o façam nesse período, um defensor público é designado pelo tribunal. ■



Nove mil credores

Grupo Fictor pede recuperação judicial com dívida de mais de R\$ 4 bilhões; apenas para a American Express, a empresa deve R\$ 893,1 milhões

O Grupo Fictor protocolou um pedido de recuperação judicial no domingo, 1º, e apontou a crise do banco Master como causa da sua atual situação. Em 17 de novembro de 2025, um dia antes de o Banco Central (BC) decretar a liquidação extrajudicial da instituição financeira de Daniel Vorcaro, a holding havia anunciado uma proposta de compra do Master, o que faria junto com um consórcio formado por investidores dos Emirados Árabes Unidos.

“Com a decretação da liquidação da instituição pelo Banco Central, um dia após o anúncio da aquisição, a reputação do grupo foi atingida por especulações de mercado, que geraram um grande volume de notícias negativas, atingindo duramente a liquidez da Fictor Invest e da Fictor Holding”, explica comunicado do grupo. Desde essa data, os clientes da holding pediram a reti-

rada de 70% dos recursos que estavam investidos, quase R\$ 2 bilhões, segundo o advogado da Fictor que coordena o processo de recuperação judicial, Carlos Deneszczuk, do escritório DASA Advogados.

O grupo protocolou o pedido de recuperação judicial para as empresas Fictor Holding e Fictor Invest. O valor total da dívida é de R\$ 4,1 bilhões. A empresa apresentou à Justiça uma lista com mais de nove mil credores. A companhia informou que pretende pagar as dívidas sem descontos. A proposta deve incluir um limite de até cinco anos para os reembolsos.

A Fictor captava recursos e montava Sociedades em Conta de Participação (SCP) para investir em negócios e empresas, e a crise de liquidez teria afetado os pagamentos de dividendos aos sócios desses arranjos, segundo Deneszczuk. Não há cobertura do Fun-

do Garantidor de Créditos (FGC) para esses investimentos.

Fundada em 2007, a holding Fictor reúne em seu portfólio negócios no ramo de energia, infraestrutura, soluções de pagamento e alimentos. Seu principal ativo é a Fictor Alimentos S.A., que atua no ramo de carne refrigerada, com fábricas em Minas Gerais e Rio de Janeiro gerando cerca de 3,5 mil empregos diretos e 10 mil indiretos. No final de 2024, a empresa passou a ter ações negociadas na bolsa de valores via IPO reverso.

Os maiores credores

Embora existam grandes nomes institucionais na lista de credores, a dívida é altamente pulverizada entre uma maioria composta por milhares de pessoas físicas. “É uma recuperação judicial bem atípica”, analisa o advogado do escritório IW Melcheds, Thiago Groppo Nunes, especialista em recuperação judicial e falências pelo Insper e pela FGV. “O passivo fica pulverizado em um grande número de credores. O advogado responsável precisará de muito tato para negociar com eles.”

No topo da lista está a fornecedora de serviços financeiros American Express. O grupo sinaliza dever à empresa R\$ 893,1 milhões. O segundo maior credor é a Sefer Investimentos DTVM, gestora de ativos financeiros para quem a Fictor deve R\$ 430 milhões.

Na terceira posição, está o empresário Luiz Phillippe Gomes Rubini, que ocupava cargos executivos no Grupo Fictor até dezembro de 2024. Apesar de ter vendido sua participação, Rubini manteve vínculos com a holding. É credor de cerca de R\$ 34,4 milhões.

Em seguida, em quarto, está o escritor Augusto Jorge Cury, autor da série de ficção “O Vendedor de Sonhos” e dos livros “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes” e “Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes”. A dívida com o autor soma R\$ 31,5 milhões.

Há ainda um débito de R\$ 2,66 milhões para a Sociedade Esportiva Palmeiras. Contrato de patrocínio firmado pela holding com o time em março de 2025 previa pagamento de R\$ 30 milhões por ano pelas próximas três temporadas. O clube paulista informou que rescindiu o contrato. ■

Com Matheus Almeida



O Tesouro Nacional deve lançar em março o Tesouro Reserva, que amplia o acesso ao mercado de renda fixa

ao que é oferecido hoje pelo CDI com liquidez diária dos bancos.

O valor unitário do título do Tesouro Reserva será de R\$ 10, mas o sistema permitirá aplicações fracionadas a partir de R\$ 1. Esse formato busca facilitar a entrada de investidores que realizam aportes de pequeno valor, perfil que já representa uma parcela relevante das operações do programa. Em dezembro de 2025, mais da metade das aplicações realizadas no Tesouro Direto teve valor de até R\$ 1 mil.

Antes do lançamento ao público, o Tesouro Reserva está sendo testado por um grupo restrito de clientes de uma instituição financeira pública. A fase piloto serve para avaliar o funcionamento da nova infraestrutura tecnológica e os fluxos de compra e venda em tempo real.

Segundo a B3, o título surge como uma alternativa para atender a uma demanda específica de investidores que buscam aplicações simples, estáveis e sem risco de perda financeira. A inovação conta com a parceria do Banco do Brasil.

O lançamento do título está ligado à primeira fase do Tesouro Direto 24x7, uma plataforma que permitirá negociar títulos públicos fora do horário comercial e também aos fins de semana. Hoje, as operações de compra e venda estão concentradas nos dias úteis.

A liquidação financeira será feita por Pix, o que reduz o tempo entre a ordem de compra ou venda e a efetiva transferência de recursos. O investidor poderá comprar ou resgatar títulos a qualquer momento, inclusive à noite, em feriados ou aos domingos.

Embora o Tesouro Reserva seja indexado à Selic, ele não substitui o Tesouro Selic já existente. O título tradicional continuará disponível no Tesouro Direto, com negociações nos horários habituais e sujeito às regras atuais de marcação a mercado em casos específicos. A nova modalidade funciona como um complemento, voltado a um público que busca liquidez imediata e flexibilidade de horários. ■

Tesouro Direto 24 horas

Com aplicações a partir de R\$ 1, novo título permitirá compra e resgate a qualquer hora do dia e mira investidores que buscam reserva de liquidez

Eduardo Vargas

O Tesouro Nacional prepara o lançamento de um novo título público voltado a ampliar o acesso de pessoas físicas ao mercado de renda fixa. Prevista para março, a novidade faz parte de uma reformulação mais ampla do Tesouro Direto e terá como principal característica a possibilidade de compra e resgate a qualquer hora do dia, todos os dias da semana. A iniciativa se conecta à criação de uma plataforma que funcionará em regime contínuo, com liquidação financeira por meio do Pix.

O papel recebeu o nome de Tesouro Reserva e será atrelado à taxa Selic. O objetivo é oferecer um instrumento simples, com funcionamento semelhante ao Tesouro Selic tradicional, mas adaptado a um ambiente de negociação permanente. A proposta inclui permitir aplicações a partir de valores reduzidos, com resgates imediatos e sem variações de preço no momento da venda antecipada.

A criação do Tesouro Reserva ocorre em um contexto de expansão do Tesouro Direto. O programa encerrou 2025 com mais de 3,4 milhões de investidores ativos e um estoque superior a R\$ 213 bilhões em títulos públicos distribuídos entre pessoas físicas. Ao longo do ano, o volume de vendas superou R\$ 89 bilhões, o maior já registrado na série histórica.

O Tesouro Reserva será um título com vencimento de três anos, mas com a possibilidade de resgate a qualquer momento, sem a aplicação de deságio. Diferentemente de outros papéis do Tesouro Direto, ele não estará sujeito à chamada marcação a mercado, mecanismo que ajusta o preço do título diariamente, conforme as condições do mercado.

Na prática, isso significa que o investidor poderá resgatar o valor aplicado acrescido da remuneração acumulada pela Selic, independentemente do momento do resgate. Algo semelhante



Lote liberado traz fotos com tarjas
protetendo identidades de mulheres.
Bill Gates aparece em algumas imagens

HOUSE OVERSIGHT COMMITTEE DEMOCRATS

Conexões explosivas

Nova leva de documentos do caso Epstein, com mais de três milhões de arquivos, revela conexões do agressor sexual com empresários como Bill Gates e Elon Musk e envolve citações até mesmo de personalidades brasileiras

Quando o financista e magnata norte-americano Jeffrey Epstein foi preso em julho de 2019, acusado de tráfico sexual de menores em Nova York e na Flórida, não ocorriam grandes manifestações nas ruas, exigindo mais informações a respeito do caso, embora já houvesse muita indignação e cobertura da imprensa. Habitado a frequentar a alta sociedade e o topo das esferas de poder, dentro e fora dos Estados Unidos, nos anos 1990 e 2000, ele passou a ser investigado em 2005 pela polícia de Palm Beach (Flórida) após a denúncia de uma mulher alegando que sua enteada de 14 anos fora abusada na mansão dele. A investigação revelaria, depois, dezenas de vítimas menores de idade. Era o início de um trabalho que iria desembocar em um dos maiores casos de tráfico, abuso e exploração sexual de jovens e adolescentes na história dos Estados Unidos.

Anos depois, entre 2023 e 2025, a pressão popular fez com que o governo, já no mandato de Donald Trump, levasse à abertura dos arquivos coletados ao longo do processo, um material inflamável como supunha a maioria do planeta. Epstein, foi encontrado morto em sua cela em agosto de 2019 (a autópsia oficial apontou suicídio por enforca-

mento), tinha circulado por tantos ambientes poderosos e refinados, inclusive os da nobreza europeia, que a expectativa era ver quem estava nas trocas de mensagens e de favores do financista e descobrir que tipo de relação fora mantida com o agressor sexual.

Em janeiro de 2024, uma juíza de Nova York ordenou a retirada do sigilo de centenas de documentos. Entre os nomes que chegaram a público estavam o do ex-príncipe Andrew, que foi acusado de abuso (posteriormente, seu título foi tirado pelo irmão, o rei Charles III), Trump e Bill Clinton, ambos citados diversas vezes, mas sem acusações de abuso nos depoimentos liberados na época.

Em novembro de 2025, o Congresso aprovou um projeto de lei, o Epstein Files Transparency Act, para tornar públicos arquivos relacionados a Epstein e seus negócios. O presidente assinou a lei no dia seguinte. Em dezembro, o Departamento de Justiça liberou o primeiro lote de documentos, com centenas de milhares de páginas.

Por fim, no dia 30 de janeiro, foi divulgado um grande lote, com cerca de 3 milhões de páginas, contendo também mais de 2 mil vídeos e cerca de 180 mil imagens. Essa liberação foi considerada a última significativa exigida pela

lei, embora autoridades tenham reconhecido que ainda existiriam outros arquivos não públicos.

O Departamento de Justiça informou que o material foi coletado a partir de cinco fontes, incluindo os processos da Flórida e de Nova York contra Epstein: o caso de Nova York contra Ghislaine Maxwell – filha de um magnata inglês, que foi namorada do financista e sua cúmplice, condenada em 2022 a 20 anos de prisão –, duas investigações sobre a morte do agressor sexual, um processo na Flórida que apurou a conduta de um ex-mordomo de Epstein e múltiplas investigações do FBI.

Esses documentos trazem de volta nomes já mencionados em lotes anteriores, mostrando que algumas relações eram mais profundas e apresentam conteúdos que comprometem ainda mais certos envolvidos. Outro ponto que chama atenção é a data de diversas interações, como as trocas entre Epstein e os empresários Richard Branson e Bill Gates, que ocorreram após ele já ser um ofensor sexual.

Em 2008, o financista fez um acordo polêmico com o então promotor federal Alexander Acosta. Declarou-se culpado de acusações estaduais que envolviam penas menores, como solicitação de prostituição, e escapou da Justiça federal. Cumpriu 13 meses de prisão – com direito a sair 12h por dia – para trabalhar. Secretamente, o acordo concedeu imunidade a quaisquer “co-conspiradores”.

No ano seguinte, Epstein retomou velhos costumes, voltando a circular na alta sociedade, retomando antigos contatos, fazendo outros e promovendo festas, algumas em sua ilha no Caribe. Mas se alguém, naquela época, procurasse seu nome na internet, iria se deparar com sua foto e a informação de que era um ofensor sexual. As mensagens reveladas nesse lote liberado pelo Departamento de Justiça indicam que os dois empresários interagiram com o agressor sexual em 2011. Portanto, já era sabido com que tipo de criminoso estavam lidando.

Com um material tão vasto divulgado pelo Departamento de Justiça, novas descobertas e detalhes das relações de Epstein podem surgir nos próximos dias e semanas.

Epstein em encontro com Peter Mandelson, ex-embaixador britânico nos EUA



U.S. JUSTICE DEPARTMENT

Internacional

Aqui estão histórias reveladas neste último lote:

Bill Gates

Os arquivos trazem detalhes sórdidos em um e-mail que Jeffrey Epstein enviou a si mesmo em 2013. Na mensagem, o financista afirma que o co-fundador da Microsoft teria contraído uma doença sexualmente transmissível após relações com “garotas russas” e teria implorado a Epstein para apagar e-mails sobre o assunto. O texto menciona ainda um pedido de Gates por antibióticos para dar secretamente à sua então esposa, Melinda. Ela declarou à imprensa que as revelações são “de partir o coração”. Gates negou os tais encontros e disse estar arrependido de ter mantido contato com o magnata.

Elon Musk

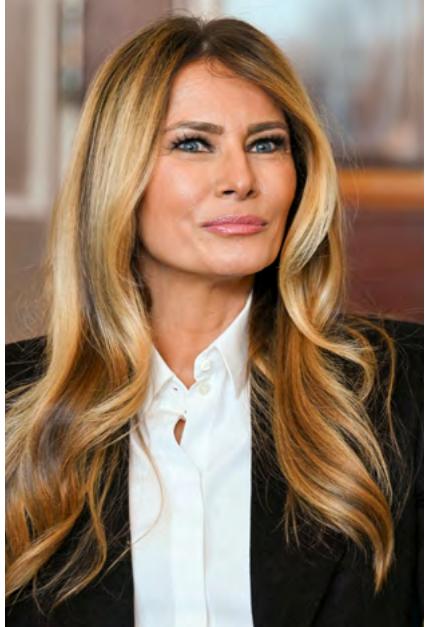
Documentos de 2012 contradizem a alegação do bilionário de que teria recusado convites para a ilha de Epstein. Um e-mail mostra Epstein perguntando quantas pessoas precisariam de transporte de helicóptero, ao que Musk respondeu que seriam apenas ele e sua então esposa, Talulah Riley. Na mesma troca de mensagens, o dono da Tesla questionou especificamente qual noite teria a “festa mais animada” na ilha.

Donald Trump

O ex-presidente é mencionado em pelo menos 3.200 documentos da nova leva, aparecendo em e-mails sobre as eleições de 2016 e em trocas de mensagens entre Epstein e terceiros. Um e-mail de 2017 revela que Epstein considerava Trump perigoso, afirmando: “Conheci pessoas realmente más, mas nenhuma pior do que Trump. Não há uma célula decente em seu corpo”. Publicamente, Trump insistiu que foi “inocentado” pelos arquivos e pediu que o país “vire a página”.

Peter Mandelson

O ex-embaixador britânico nos EUA renunciou ao cargo vitalício na Câmara dos Lordes e enfrenta uma investigação policial por “má conduta em cargo público”. Os arquivos revelam que ele teria repassado informações sensíveis do governo britânico (como dados sobre a crise de 2008 e resgate



ANNABELLE GORDON

Melania Trump trocou mensagens com Ghislaine Maxwell, namorada do financista

do euro) a Epstein. O financista pagou cerca de 10 mil libras por um curso de osteopatia para o brasileiro Reinaldo Avila da Silva, marido de Mandelson, além de ter feito depósitos de 75 mil dólares ao político. O primeiro-ministro Keir Starmer iniciou o processo jurídico para cassar seu título de lorde.

Andrew Mountbatten-Windsor

Agora utilizando este nome após perder os títulos reais, o ex-príncipe Andrew deixou sua residência luxuosa em Windsor por ordem do rei Charles III. Os novos documentos trazem fotos dele ajoelhado e inclinado sobre uma jovem (com rosto censurado) e e-mails convidando Epstein para ir ao Palácio de Buckingham. Há também o relato de um advogado sobre uma noite com

“bailarinas exóticas” em 2006, onde Andrew e Epstein teriam proposto relações sexuais a uma das jovens.

Bill e Hillary Clinton

O casal foi convocado e aceitou depor no final de fevereiro perante o Comitê de Supervisão do Congresso dos EUA, após ameaça de processo por obstrução. Bill Clinton deverá falar sobre sua amizade com Epstein, enquanto a ex-secretária de Estado Hillary Clinton será questionada sobre o que sabe a respeito desses laços. O presidente do comitê afirmou que “ninguém está acima da lei”.

Melania Trump

A primeira-dama trocou e-mails com Ghislaine Maxwell em 23 de outubro de 2002, quando ainda não era casada com Donald Trump (o casamento só ocorreu em 2005). Na mensagem, Melania elogiou uma reportagem da New York Magazine sobre Epstein, acrescentando que Ghislaine estava “ótima na foto”. Ela manifestou interesse em se encontrar com a então namorada do financista, encerrando com “Love, Melania” (“Com carinho, Melania”). Ghislaine a chamou de “querida”, e explicou que não poderia se encontrar com ela por causa de mudanças em seus planos de viagem. A reportagem citada por Melania ganhou notoriedade por trazer uma declaração de Trump afirmando que Epstein gostava de mulheres “mais jovens”. E

O ex-príncipe Andrew aparece em foto comprometedora. Ele foi acusado de abuso



Os brasileiros nos Arquivos Epstein

O lote liberado mostra e-mails, movimentações bancárias e observações sobre lideranças políticas e personalidades

Luma Venâncio

Onovo lote de arquivos relacionados ao caso Epstein traz nomes de brasileiros. Entre e-mails, extratos bancários, imagens e anotações internas, o material cita figuras como Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL) e Eike Batista. Cabe ressaltar que os arquivos não indicam qualquer irregularidade cometida pelas pessoas citadas. Menções não significam envolvimento em ilícitos.

A ponte entre o financista Jeffrey Epstein e o Brasil se dá por meio do francês Jean-Luc Brunel, considerado braço direito do empresário. Ele era agente de modelos e fundador da agência MC2, de Miami, que recebeu financiamento do magnata.

Segundo investigações, o francês atuava como aliciador de garotas. Brunel fez viagens ao Brasil em busca de garotas de programa, algumas menores, entre 13 e 15 anos. Ele foi acusado de levar adolescentes de diferentes paí-

ses para exploração sexual nos Estados Unidos. Brunel foi preso na França em 2020 e morreu em uma cela em Paris em 2022, à espera de julgamento.

Confira quem foi mencionado:

- **Reinaldo Avila da Silva** é casado com o ex-embaixador britânico Peter Mandelson, que também aparece nos arquivos. Os documentos datam de 2009 e mostram e-mails entre Reinaldo e Epstein e registros de transferências bancárias feitas pelo financista. Em um dos e-mails, Reinaldo pede ajuda para custear despesas de um curso de osteopatia. No texto, ele informa dados bancários e agradece qualquer apoio. Epstein responde afirmando que faria a transferência.
- **Jair Bolsonaro** aparece em trocas de mensagens atribuídas a Epstein e Steve Bannon, ex-conselheiro de Donald Trump. Elas são datadas de 2018. Bolsonaro é citado de forma

elogiosa, descrito como um político que teria “mudado o jogo” no país. “Ele só precisa reativar a economia”, escreveu Epstein. Em outro trecho, as conversas mencionam a possibilidade de aproximação de Bannon com o entorno de Bolsonaro, incluindo a hipótese de atuação como conselheiro informal. O ex-presidente negou qualquer vínculo com Bannon. As menções não indicam contato direto entre Bolsonaro e Epstein.

- Citações ao presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** foram feitas pelo linguista e filósofo Noam Chomsky em correspondência com Epstein de setembro de 2018. Chomsky afirma ter visitado Lula na prisão em Curitiba. Ele o descreve como “o prisioneiro político mais importante do mundo”, qualificando as acusações contra Lula como “risíveis”. Em outra ocasião, o financista conta ter recebido uma ligação de Chomsky com o petista na linha. A Presidência da República negou que o contato telefônico tenha ocorrido, alegando que isso burlaria as regras de carceragem da Polícia Federal. As menções não envolvem mensagens diretas entre o presidente e Epstein.
- O empresário **Eike Batista** e a ex-modelo **Luma de Oliveira** aparecem em uma troca de e-mails entre Epstein e Brunel em 2021. O financista pergunta sobre “a namorada de Eike Batista”, e o francês responde que havia mencionado “Luma de Oliveira”, acrescentando que Eike “era ou é casado com ela”. À época, Luma e Eike estavam separados havia quase uma década. O empresário garantiu nunca ter conhecido Epstein.
- O arquiteto **Arthur Casas** é citado em trocas de e-mails em 2016. O assunto é a possibilidade de uma reunião por videochamada. Uma pessoa identificada como Jean Huguen encaixa a Epstein informações sobre o trabalho de Casas. As conversas mencionam uma visita do arquiteto à Ilha de Saint James, no Caribe, na casa de Epstein. Em nota, o escritório do arquiteto afirmou que foi procurado para apresentar uma proposta de projeto arquitetônico. Segundo o comunicado, Casas realizou uma visita técnica em caráter profissional. ■

Nos arquivos, há menções a Lula, Bolsonaro, Luma de Oliveira e Eike Batista



Os efeitos do ICE em Washington

Após quatro dias de paralisação, Trump sanciona lei que encerra o shutdown provocado por impasse no Congresso sobre o ICE e a atuação do Departamento de Segurança Interna



As críticas e os protestos massivos contra a política migratória do governo Donald Trump – que se acirraram após a morte de dois cidadãos americanos e de cenas de violência e brutalidade dos agentes do serviço de imigração, o ICE, em Minneapolis – colocaram Washington contra a parede e levaram a uma paralisação federal parcial, chamada de shutdown, provocada por um impasse no Congresso. No foco dos parlamentares estava o financiamento do Departamento de Segurança Interna (DHS) e do ICE, bem como seu papel. Na terça-feira, 3, após quatro dias de discussões, chegou-se a um acordo e Trump sancionou a lei que encerrou o shutdown.

As paralisações governamentais congelam o financiamento das operações federais não essenciais, obrigando agências a interromper os serviços e

colocando funcionários em licença sem salário. Em 2025, Trump vivenciou shutdown recorde de 43 dias.

Apesar do fim da paralisação, iniciada no sábado, a pressão em torno da política anti-imigração de Trump se mantém. Foi aberto um novo prazo para negociações sobre o orçamento e as práticas do DHS. Ainda assim, ao promulgar o texto, o presidente classificou o desfecho como uma “grande vitória para o povo americano”.

O projeto que encerrou a paralisação foi aprovado na Câmara por margem estreita — 217 votos a 214. Embora a Casa seja controlada pelos republicanos, a maioria mínima expôs fissuras internas: 21 democratas votaram a favor do pacote, enquanto um número equivalente de republicanos se opôs. O Senado havia aprovado na sexta-feira, 30, um pacote que garante finan-

mento da maioria das agências federais até setembro, combinado a uma medida provisória de apenas duas semanas para manter o DHS em funcionamento.

Democratas condicionaram o apoio ao financiamento do DHS à adoção de mudanças nos protocolos do ICE, após a morte de Renee Good, poetisa de 37 anos, e Alex Pretti, enfermeiro de 37 anos, ambos mortos a tiros por agentes federais e com imagens que percorreram o mundo. As mortes transformaram a cidade no epicentro político da ofensiva migratória de Trump e ampliaram a indignação nacional.

Parlamentares denunciaram práticas excessivas nas operações federais, como o uso de agentes fortemente armados, mascarados e sem identificação visível, além de detenções sem ordens judiciais. Em resposta à pressão política, o governo anunciou concessões pontuais. A secretária do DHS, Kristi Noem, determinou que agentes federais em Minneapolis passem a usar câmeras corporais com efeito imediato.

Outra medida foi um recuo operacional em Minnesota. Na quarta-feira, 4, a Casa Branca anunciou a retirada de cerca de 700 agentes no estado, parte deles vinculados às operações do ICE em Minneapolis. Dois meses antes, mais de 3 mil agentes foram enviados à região, e cerca de 3 mil imigrantes, sob a alegação de estarem sem documentação válida, foram presos. Mesmo com o acordo, o conflito está longe de ser resolvido. O Congresso tem agora duas semanas para negociar um financiamento definitivo do DHS, período em que democratas exigem salvaguardas mais rígidas na aplicação das leis de imigração, enquanto setores conservadores pressionam para manter a linha dura adotada pelo governo. Líderes dos dois partidos reconhecem que as conversas serão politicamente difíceis. ■

Quem comandará o Fed

O financista Kevin Warsh é indicado por Trump para substituir o atual presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, cujo mandato termina em maio

O comando do Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, é uma das posições mais sensíveis da economia global. A instituição define a taxa básica de juros da maior economia do mundo e, por tabela, influencia fluxos financeiros internacionais. O mandato do atual presidente, Jerome Powell, se encerra em maio, e o presidente Donald Trump, que não esconde críticas e insatisfações com a direção do Fed, indicou na sexta-feira, 30, um nome para sucedê-lo.

O escolhido é o financista Kevin Warsh, ex-integrante do Conselho de Governadores do Fed. A indicação ainda precisa ser confirmada pelo Senado. Como os republicanos detêm a maioria, a expectativa é que o processo avance nas próximas semanas, antes do fim do mandato de Powell.

Aos 55 anos, Warsh já passou pelo centro da formulação da política monetária americana. Ele ingressou no Conselho de Governadores em 2006, aos 35, tornando-se o diretor mais jovem

da história da instituição. Antes disso, atuou no Conselho Econômico Nacional do governo George W. Bush, depois de iniciar a carreira no setor financeiro, trabalhando com fusões e aquisições no Morgan Stanley, nos anos 1990.

Sua passagem pelo Fed se estendeu até 2011 e coincidiu com o período mais crítico da crise financeira global de 2008 e 2009. Warsh teve papel relevante ao lado do então presidente do banco central, Ben Bernanke, na formulação de resgates a grandes instituições financeiras e em medidas de apoio aos mercados. Por suas conexões com Wall Street, ganhou a reputação de interlocutor frequente entre o Fed e o sistema financeiro.

No período do Fed, Warsh passou a ser identificado como “falcão” (hawkish). No jargão da política monetária, hawkish é quem prioriza o controle da inflação e a disciplina monetária, mesmo ao custo de juros mais altos ou menor estímulo à economia. Na época, Warsh alertou que a manutenção pro-

longada de juros muito baixos, entre outras medidas, poderia gerar pressões inflacionárias futuras e distorcer os preços de ativos. Ainda que esses riscos não tenham se concretizado no curto prazo, sua postura o colocou entre os dirigentes vistos como mais rígidos e conservadores, e o rótulo de falcão passou a acompanhá-lo.

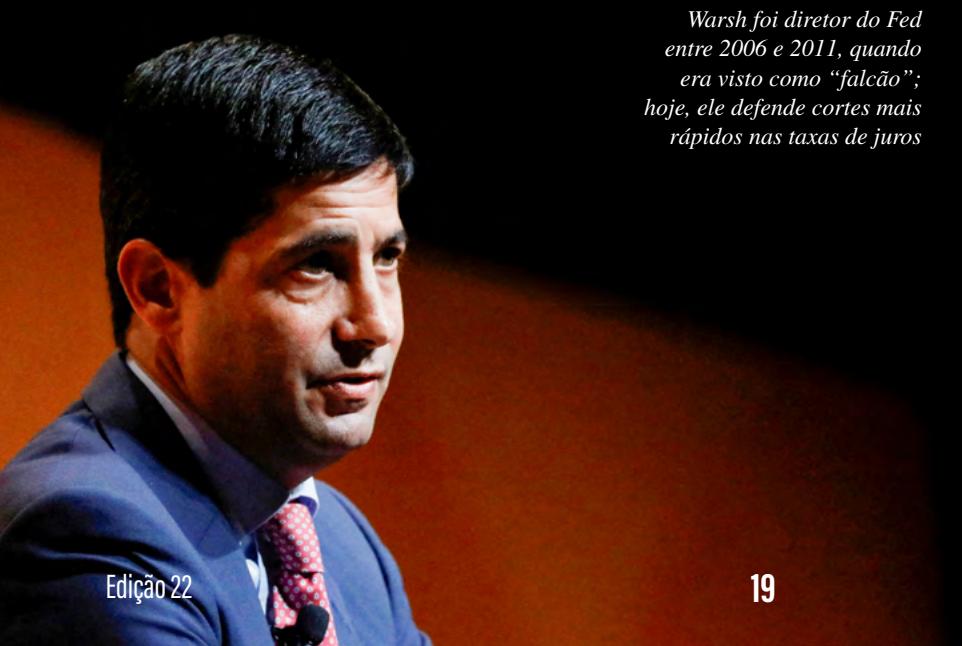
No entanto, hoje ele defende cortes mais rápidos nos juros, argumentando que os ganhos de produtividade, particularmente por conta da IA, ajudarão a manter preços sob controle. Isso demonstra alinhamento com Trump. Warsh sustenta ainda que o Fed passou a atuar além de seus dois pilares: estabilidade de preços e pleno emprego. Para ele, o uso prolongado de grandes programas de compra de ativos, a sustentação recorrente dos mercados financeiros e a expansão contínua do balanço do banco central fizeram com que a instituição assumisse funções mais amplas, o que enfraqueceria sua independência.

Powell, que preside o Fed desde fevereiro de 2018, foi indicado por Trump, em seu primeiro mandato, e reconduzido ao cargo em 2022 pelo então presidente Joe Biden. Desde que retornou à presidência há um ano, Trump tem entrado em conflito com o comandante do banco central por exigir a redução das taxas de juros. Na semana passada, o Fed optou por mantê-las inalteradas, na faixa de 3,50% a 3,75%, o que, mais uma vez, desagradou ao presidente norte-americano.

Em outro movimento de confronto, Trump tentou destituir Lisa Cook, governadora do Fed indicada por Biden. Ela segue em atividade e seu caso está em análise na Suprema Corte. Além disso, o governo iniciou uma investigação sobre Powell a respeito da reforma da sede do banco central. ■

Warsh foi diretor do Fed entre 2006 e 2011, quando era visto como “falcão”; hoje, ele defende cortes mais rápidos nas taxas de juros

BRENDAN McDERMID/REUTERS



O colapso da ONU

Volume de dívidas da entidade atingiu US\$ 1,57 bilhão; entidade pode ficar sem dinheiro até julho

A Organização das Nações Unidas vive o momento financeiro mais delicado de sua história recente. Em carta enviada na semana passada aos 193 Estados-membros, o secretário-geral Antonio Guterres fez o alerta mais duro desde que assumiu o comando da entidade: a ONU corre risco de um “colapso financeiro iminente” e pode ficar sem recursos em julho.

O documento aponta um cenário de asfixia orçamentária provocado pela combinação de contribuições obrigatórias não pagas, atrasos recorrentes e regras internas que mobilizam a entidade. No fim de 2025, o volume de dívidas pendentes alcançou US\$ 1,57 bilhão, o maior já registrado. Mais de 150 países estão com os pagamentos em dia. A grande questão está em torno dos Estados Unidos e do governo Donald Trump.

Na carta, Guterres afirma que decisões de não honrar contribuições obrigatórias, que financiam parcela

relevante do orçamento regular e das operações de paz, “foram agora formalmente anunciadas”. Embora o secretário-geral não cite países nominalmente, o pano de fundo é conhecido: os Estados Unidos são o principal financiador da ONU, sendo responsáveis por 22% do orçamento regular, mas eles vêm reduzindo drasticamente sua participação. Em segundo lugar está a China, com cerca de 20%.

Desde o retorno de Trump à presidência, Washington cortou financiamentos voluntários, recusou pagamentos obrigatórios e se retirou de dezenas de organismos multilaterais, incluindo 31 agências ligadas à ONU. Trump afirma que a organização tem “grande potencial”, mas não cumpre seu papel e desperdiça recursos do contribuinte americano. Em janeiro, anunciou a saída dos EUA de entidades internacionais para encerrar o que chamou de financiamento de “agendas globalistas”.

O impacto é direto. Em Genebra, sede de vários órgãos da ONU, escadas rolantes são desligadas, aquecimento é reduzido e avisos internos alertam para a crise. Congelamentos de contratações e cortes administrativos já estão em curso. Mesmo com a aprovação de um corte de cerca de 7% no orçamento de 2026, reduzido para US\$ 3,45 bilhões, Guterres afirma que o alívio é insuficiente.

Um dos pontos mais críticos destacados na carta é uma regra orçamentária que obriga a ONU a devolver aos Estados-membros recursos não gastos em determinados programas. O problema é que, na prática, esse dinheiro nunca chegou ao caixa. Apenas neste mês, como parte da avaliação do orçamento de 2026, a organização foi obrigada a devolver US\$ 227 milhões que não havia arrecadado. Guterres classificou a situação como um “ciclo kafkiano”: a ONU é forçada a reembolsar recursos inexistentes, aprofundando o déficit. “Ou todos os Estados-membros honram integralmente e em dia suas obrigações, ou será necessário reformular as regras financeiras para evitar o colapso”, escreveu Guterres.

A pressão política agrava o quadro. Fundada em 1945, no pós-Segunda Guerra Mundial, a ONU foi concebida para evitar novos conflitos globais, preservar a paz, promover direitos humanos, fomentar o desenvolvimento e coordenar ações humanitárias. Hoje, porém, sua capacidade operacional está ameaçada por uma crise estrutural que vai além de contingências pontuais.

Trump lançou um Conselho da Paz próprio, que analistas veem como tentativa de esvaziar ou substituir funções da ONU, inclusive em temas sensíveis como a reconstrução de Gaza. Questionado se o novo órgão poderia tomar o lugar da entidade, o presidente dos EUA respondeu: “Bem, talvez”.

Ao fim do mandato, neste ano, Guterres deixa claro que o drama financeiro não é apenas contábil.

Trata-se de uma crise que ameaça o papel da ONU em um mundo marcado por divisões geopolíticas e cortes generalizados em ajuda humanitária e ao desenvolvimento. Sem recursos, a maior instituição multilateral do planeta corre o risco de ver sua relevância corroída pela falta de caixa. ■

O secretário-geral avisa que o cenário é de asfixia orçamentária



MANUEL ELIAS/UN PHOTO

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Colômbia

Petro propõe operações com EUA na guerra às drogas

O presidente colombiano Gustavo Petro foi à Casa Branca para uma reunião com o presidente Donald Trump na terça-feira, 3. Eles concordaram em buscar "caminhos comuns" no combate ao narcotráfico, após meses de tensões. O encontro ocorre após a captura de Nicolás Maduro pelos EUA, em janeiro. Petro propôs operações militares conjuntas entre Colômbia, Venezuela e EUA nas fronteiras e ofereceu apoio da estatal Ecopetrol para reativar a economia do oeste venezuelano, citando possível flexibilização de sanções.

Argentina

Incêndios na Patagônia já devastam 60 mil hectares

Mais de 60 mil hectares de vegetação foram consumidos por incêndios na Patagônia argentina, levando o presidente Javier Milei a decretar estado de emergência em quatro províncias. Apenas no Parque Nacional Los Alerces, em Chubut, o fogo destruiu ao menos 30 mil hectares. As chamas mobilizaram cerca de 500 bombeiros e moradores, enquanto chuvas na noite da segunda-feira, 2, ajudaram a conter o avanço. No dia seguinte, Milei anunciou verba de 100 bilhões de pesos, mas bombeiros afirmam que se trata do pagamento de dívidas antigas. O decreto ocorre após a evacuação de 3 mil turistas de Epuyén, em janeiro.

Venezuela

Protestos em Caracas cobram reajuste salarial em meio à transição política

Trabalhadores a favor e contra o governo interino protestaram em Caracas na segunda-feira, 2, para exigir reajustes salariais. O salário mínimo está congelado há quatro anos em 130 bolívares, cerca de US\$ 0,35, valor que é complementado por bônus. Professores e servidores da Universidade Central da Venezuela acionaram o Supremo Tribunal por omissão desde 2022. No poder desde 3 de janeiro, Delcy Rodríguez prometeu usar receitas do petróleo para programas sociais. Grupos chavistas também marcharam pedindo a libertação de Nicolás Maduro, preso em Nova York. A polícia evitou confrontos.



Itália

Roma passa a cobrar taxa para acesso à Fontana di Trevi

A capital italiana começou a cobrar na segunda-feira, 2, uma taxa de 2 euros dos visitantes que descem os degraus para chegar perto da bacia da Fontana di Trevi. A medida busca reduzir a superlotação e financiar a manutenção do monumento. O pagamento vale apenas para quem acessa a área inferior; a praça ao redor segue gratuita. A cobrança ocorre das 11h30 às 22h em dias úteis e das 9h às 22h nos fins de semana. Moradores, pessoas com deficiência, acompanhantes e crianças até 6 anos são isentos. Mais de 10 milhões visitaram a fonte entre dezembro de 2024 e dezembro de 2025.

Líbia

Investigação apura morte de filho de Muammar Kadafi

O Ministério Pùblico da Líbia anunciou na quarta-feira, 4, a abertura de uma investigação sobre o assassinato de Saif al-Islam Kadafi, filho de Muammar Kadafi. Ele foi morto a tiros no dia anterior dentro de sua casa, na cidade de Zenten. Segundo o advogado de Saif, quatro homens invadiram a residência. A vítima relatava problemas de segurança havia cerca de dez dias. Saif era procurado pelo Tribunal Penal Internacional e havia sido condenado à morte em 2015, mas depois foi beneficiado por uma anistia.

Japão

Nevascas causam 35 mortes em duas semanas

Nevascas incomuns deixaram ao menos 35 mortos no Japão nas últimas duas semanas, segundo o governo, que mobilizou tropas para apoiar a população, sobretudo em Aomori, a região mais afetada, onde a neve acumulada chega a 4,5 metros em áreas remotas. Na semana passada, a primeira-ministra Sanae Takaichi convocou uma reunião especial do gabinete para definir medidas de emergência e reduzir riscos de novos acidentes. As mortes ocorreram após sucessivas tempestades provocadas por uma intensa massa de ar frio sobre o país.

Só peixe com legumes?

Dieta de Victoria Beckham, seguida há cerca de 25 anos, chama atenção; nutricionista avalia impacto da constância e da rigidez extrema no padrão alimentar

Letícia Sena

A ex-Spice Girl Victoria Beckham, de 51 anos, voltou a ganhar espaço na mídia por conta de sua dieta, a mesma há cerca de 25 anos. No prato, peixe grelhado e legumes no vapor. A constância da estilista chama atenção não apenas pelo tempo, mas também pelos resultados em sua forma física. A estilista segue ainda uma rotina intensa de exercícios, muitos deles realizados ao lado do marido, David Beckham. O casal mantém um programa de treinos com cinco sessões semanais, que variam entre 35 minutos e uma hora e meia de duração.

Tal disciplina caminha junto com a alimentação regrada. Em uma entrevista de 2009, Victoria disse que sua dieta era baseada principalmente no consumo de frutas vermelhas e sashimi.

Beckham já falou sobre os hábitos alimentares da esposa. Segundo ele, Victoria mantém praticamente o mesmo padrão alimentar há décadas. “Sou apaixonado por comida e vinho. Quando experimento algo incrível, quero dividir com todo mundo”, contou. “Infelizmente, sou casado com alguém que come a mesma coisa há 25 anos. Desde que a conheci, ela se alimenta basicamente de peixe grelhado e vegetais no vapor.” A própria Victoria disse que encontra conforto em refeições simples, como uma fatia de pão integral com sal. Pela manhã, o ritual começa com a ingestão de duas colheres de sopa de vinagre de maçã em jejum. Em seguida, vem um suco verde feito com ingredientes como espinafre, pepino, maçã, gengibre, limão e laranja-líma.

Diante da curiosidade despertada em torno da dieta, a nutricionista Fernanda Coimbra, da Tivolly Medicina Integrada, alerta que esse tipo de estran-

tégia não deve ser interpretado como um modelo universal. Ela destaca a importância de contextualizar o caso. Segundo Fernanda, o estilo de vida da ex-Spice Girl envolve condições muito específicas. “Estamos falando de uma pessoa com disponibilidade de tempo e estrutura e acompanhamento profissional constantes, o que faz toda a diferença”, afirma.

Ainda assim, Fernanda avalia de forma positiva a base da escolha alimentar de Victoria. “Não discordo do princípio dessa dieta. Ela é construída a partir de comida de verdade, simples e natural, o que é um grande ponto positivo em um cenário dominado por ultraprocessados”, explica.

No entanto, a nutricionista reforça que saúde não deve estar associada à rigidez extrema. Ao analisar o padrão alimentar da estilista, ela faz uma comparação com a dieta mediterrânea, uma das mais estudadas e recomendadas. “Esse modelo também prioriza alimentos naturais, como peixes, azeite de oliva, legumes, verduras, frutas, grãos e oleaginosas, mas com variedade, equilíbrio e prazer”.

Fernanda ressalta que a dieta mediterrânea está associada a benefícios como melhora da saúde cardiovascular, redução de processos inflamatórios, maior disposição e maior sustentabilidade ao longo do tempo.

“No fim das contas, o que sustenta um corpo saudável e bonito ao longo dos anos não é a rigidez, mas a constância. E a constância só existe quando a alimentação cabe na vida real”, pondera. ■

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



A ex-Spice Girl raramente foge do padrão que adotou, conta o marido David Beckham

Os grandes vencedores do Grammy 2026

Caetano Veloso e Maria Bethânia são premiados em noite que teve como destaques Bad Bunny, Lady Gaga, Kendrick Lamar e os discursos contra o ICE

“Caetano e Bethânia Ao Vivo” conquistou o prêmio de Melhor Álbum de Música Global

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Os fãs de “Papí” não poderiam estar mais felizes. Esse é o apelido carinhoso como se referem ao cantor porto-riquenho Bad Bunny, o grande vencedor do Grammy 2026, realizado na noite do dia 1º. O principal prêmio de música do mundo, porém, teve outros feitos importantes nesta edição, a 68ª. Lady Gaga confirmou seu domínio do pop, conquistando duas estatuetas na categoria. E Kendrick Lamar saiu “carregado” do evento, levando cinco prêmios ligados ao rap.

Mas para os brasileiros a festa foi pela vitória de Caetano Veloso e Maria Bethânia, que receberam o reconhecimento de Melhor Álbum de Música Global.

Os filhos de dona Canô foram premiados pelo álbum “Caetano e Bethânia Ao Vivo”, registro da turnê de 2024. Esse é o primeiro Grammy da cantora baiana na premiação e a terceira de Caetano, que venceu em 2000 pelo álbum “Livro” e em 2001 pelo álbum “João Voz e Violão” (projeto de João Gilberto que Caetano produziu).

O detalhe é que nenhum dos dois estava atento ao evento. Um post no Instagram mostra Paula Lavigne, esposa de Caetano, avisando o artista que o álbum tinha acabado de conquistar

o troféu da categoria. Na sequência, o músico – que estava vendo desenhos animados com seu neto – fez o anúncio para sua irmã pelo celular. “Ganhamos o Grammy”, contou Caetano. “Mentira！”, reagiu Bethânia, aos risos. Ela depois confessou que não sabia a que horas seria o evento. Ao que o irmão respondeu: “Nem eu”. A tranquilidade do artista ao saber da conquista reverteu nas redes. O vídeo na conta de Caetano tem cerca de quatro milhões de visualizações no Instagram.

Não faltou emoção, porém, a Bad Bunny durante o Grammy. O fenômeno porto-riquenho, que se apresentará em São Paulo nos dias 21 e 22, recebeu os prêmios de Álbum do Ano, Melhor Álbum de Música Urbana, Melhor Performance de Música Global. Com o trabalho “DeBÍ TiRAR MáS FOToS”, ele se tornou o primeiro artista a vencer o prêmio mais cobiçado – o de Álbum do Ano – com uma produção inteiramente em espanhol. Antes, em 2022, ele concorreu na categoria com o disco “Un Verano Sin Ti”. Até agora, nenhum outro músico conseguiu emplacar um trabalho no idioma.

E foi em espanhol que Benito Antonio Martínez Ocasio, seu nome real, se pronunciou no palco do Grammy. Suas palavras provavelmente desagravaram o governo de Donald Trump – que criticou a escolha do astro porto-riquenho para o show do intervalo do Super Bowl, que acontece neste domingo, 8. Ao ser anunciado vencedor de Melhor Álbum de Música Urbana, ele abriu seu discurso dizendo que, antes de agradecer a Deus, tinha de falar outra coisa:



Bad Bunny e Billie Eilish fizeram críticas ao ICE e ao governo Trump nos discursos de agradecimento



KEVIN WINTER



O filme “Pecadores” também foi agraciado pela trilha sonora, conquistando as estatuetas de Trilha Sonora Compilada para Mídia Visual e Trilha Sonora para Mídia Visual.

Ainda na área de Mídia Visual, “Golden”, do sucesso da Netflix “Guerreiras do K-Pop”, foi escolhida Melhor Canção Escrita para Mídia Visual. É o primeiro Grammy para uma música do gênero K-pop.

Dentro dessa disputa dedicada às obras do audiovisual, mais um feito. Steven Spielberg produziu o documentário “Music for John Williams”, sobre o famoso compositor norte-americano, autor de trilhas notórias como as de “Star Wars”, “Indiana Jones” e “ET”. A obra foi premiada na categoria Melhor Filme Musical. Com isso, o cineasta entrou para o prestigiado clube EGOT, acrônimo de Emmy (TV), Grammy, Oscar e Tony (teatro). Deles, só faltava receber um prêmio da música.

O Grammy conferiu ainda troféus especiais reconhecendo a trajetória de sucesso e influência de alguns artistas: Chaka Khan, Cher, Paul Simon, Carlos Santana (guitarrista mexicano) e os prêmios póstumos para Fela Kuti (primeiro artista africano a ser homenageado pelo conjunto da obra) e Whitney Houston. ■

“Fora ICE”, referindo-se ao Serviço de Imigração e Alfândega, que tem mobilizado manifestações pelo país pela violência praticada contra imigrantes e, inclusive, contra cidadãos norte-americanos (com a morte de duas pessoas).

“Não somos selvagens, não somos animais, não somos alienígenas, somos humanos e somos americanos. O ódio se torna mais poderoso com mais ódio. A única coisa mais poderosa que o ódio é o amor. Então, por favor, precisamos ser diferentes. Se a gente for lutar, que seja com amor”, declarou.

Quando conquistou o troféu de Álbum do Ano, reiterou suas críticas: “Quero dedicar este prêmio a todas as pessoas que tiveram de deixar a sua terra natal para seguir os seus sonhos”.

Quem também fez críticas ao governo Trump foi a cantora Billie Eilish. Ela se manifestou no discurso de agradecimento pelo prêmio de Canção do Ano por “Wildflower”. “Ninguém é ilegal em terras roubadas”, disse a ar-

tista, que é norte-americana. Ela encerrou sua fala com: “F*** ICE”.

Entre os ganhadores, Lady Gaga faturou as estatuetas de Melhor Álbum Vocal de Pop (“Mayhem”) e Melhor Gravação de Dance Pop (“Abracadabra”). Kendrick Lamar, por sua vez, venceu nas categorias: Gravação do Ano (“Luther”, com SZA), Álbum de Rap (“GNX”), Performance de Rap (“Chains & Whips”), Canção de Rap (“TV off”) e Performance de Rap Mélódico (“Luther”).

Spielberg e Dalai Lama

Premiação com 95 categorias em disputa, o Grammy traz diversidade para o evento. Quem diria que o Dalai Lama teria um troféu para chamar de seu? Pois o álbum “Meditations: The Reflections Of His Holiness The Dalai Lama” venceu na categoria Melhor Gravação de Audiolivro, Narração e Storytelling. Aos 90 anos, é a primeira vez que o líder religioso conquista um Grammy.

Confira alguns dos prêmios do 68º Grammy

Álbum do Ano: “DeBÍ TIRAR MÁS FOTOs” – Bad Bunny

Música do Ano: “Wildflower” – Billie Eilish

Gravação do Ano: “Luther” – Kendrick Lamar e SZA

Artista Revelação: Olivia Dean

Álbum de Pop: “Mayhem” – Lady Gaga

Álbum de Rock: “Never Enough” – Turnstile

Álbum de Rap: “GNX” – Kendrick Lamar

Álbum de R&B: “Mutt” – Leon Thomas

Álbum de Música Urbana: “DeBÍ TIRAR MÁS FOTOs” – Bad Bunny

Álbum de Música Alternativa: “Songs Of A Lost World” – The Cure

Álbum de Jazz Vocal: “Portrait” – Samara Joy

Álbum de Pop Latino: “Cancionera” – Natalia Lafourcade

Álbum de Música Global: “Caetano e Bethânia Ao Vivo” – Caetano Veloso e Maria



KIRBY LEE

A grande decisão da temporada de futebol americano será no Levi's Stadium, em Santa Clara, na Califórnia

A hora do Super Bowl LX

New England Patriots encara o Seattle Seahawks na grande final da principal liga de futebol americano do planeta, a NFL

Ivan Gomes

O aguardado Super Bowl, como é chamada a grande final da temporada da NFL, a liga esportiva de futebol americano, chegou. No domingo, 8, o New England Patriots — um dos maiores campeões da história — enfrenta o Seattle Seahawks no Levi's Stadium, em Santa Clara, na Califórnia. Em sua 60ª edição, o evento é reconhecido não apenas pelo duelo técnico no gramado. Tudo o que cerca o espetáculo é fundamental: as festividades pré-jogo, o icônico show do intervalo, além dos comerciais de TV mais

caros do planeta, que já são marcas registradas dessa celebração esportiva.

O New England Patriots disputa seu 12º Super Bowl, ostentando o posto de maior campeão da história ao lado do Pittsburgh Steelers, ambos com seis títulos. Se for o vencedor da grande final, então, conquistará um feito inédito na história do Big Game, como também é chamado o confronto. Ou seja, a torcida celebrará o hepta.

Todos os troféus do Patriots foram conquistados neste século (2002, 2004, 2005, 2015, 2017 e 2019), impulsiona-

dos pela lendária “dinastia” de Tom Brady. O ex-quarterback é considerado o maior jogador da história da modalidade e foi o principal nome da era de ouro da equipe de Massachusetts. Entre os brasileiros, ele também é conhecido por ter sido casado com Gisele Bündchen, com quem tem dois filhos.

Apesar de ser considerado o favorito para o duelo, segundo as casas de aposta, o Seattle Seahawks entra como o “franco-atirador”, se for considerada a parte histórica do duelo. A equipe de Seattle disputa apenas a sua quarta fi-



FOTOS KIRBY LEE

O New England Patriots tem seis títulos; o Seattle Seahawks busca sua segunda conquista

nal, buscando a sua segunda conquista. Nas três participações anteriores, foi vice-campeão em 2006 e 2015, perdendo justamente para os recordistas de títulos: Steelers e os próprios Patriots, respectivamente. A glória máxima da franquia veio em 2014, quando a equipe dominou o Denver Broncos com uma vitória acachapante por 43 a 8.

As cerimônias de abertura e, especialmente, o intervalo do Super Bowl são considerados um espetáculo à parte. Antes de a bola rolar, a banda Green Day será a responsável por agitar o público no Levi's Stadium – casa do San Francisco 49ers. No principal intervalo, o que ocorre entre o segundo e o terceiro quarto de jogo (são quatro, sem falar de prorrogação), o campo é tomado pelo Halftime Show, onde estrelas de primeira grandeza da música se apresentam entre 20 e 25 minutos.

Break comercial milionário

Nos demais tempos, a disputa é da publicidade. Nos intervalos antes do jogo, durante e logo após o confronto, marcas dos mais variados segmentos exercitam sua criatividade para conquistar a atenção do público. E que atenção custosa. No Super Bowl LX: o valor de um comercial de 30 segundos atingiu US\$ 10 milhões, superando os números da edição anterior. A informação é de Mark Marshall, chairman de publicidade global e parcerias da NBCUniversal – que transmitirá o Big Game. Ele afirmou para o site Adweek, especializado em publicidade, que

sua equipe vendeu “um punhado” de inserções de 30 segundos por US\$ 10 milhões ou mais. É a primeira vez que se atinge tal patamar no Super Bowl.

São mais de 80 espaços à disposição das marcas. Alguns anunciantes ocuparam dois, com campanhas de 60 segundos, caso de Novartis e OpenAI. A NBCUniversal conseguiu fechar contratos mais polpidos por também combinar a oferta de mídia no Super Bowl com outro evento esportivo, as Olimpíadas de Inverno, na Itália, que começam no dia 6 e se estendem até o dia 22.

No Halftime Show, o brilho ficará por conta de Bad Bunny que vem de uma bem-sucedida temporada de shows com sua turnê “DeBÍ TiRAR MÁS FOTO’S” – e que estará em São Paulo nos dias 20

e 21, no Allianz Parque. No Grammy 2026, ele se tornou o grande vencedor, com três prêmios, incluindo o de Álbum do Ano. O artista porto-riquenho é um dos maiores nomes da música atualmente. Em 2025, ele alcançou a marca de 9,8 bilhões de streams, liderando o ranking de reproduções no Spotify.

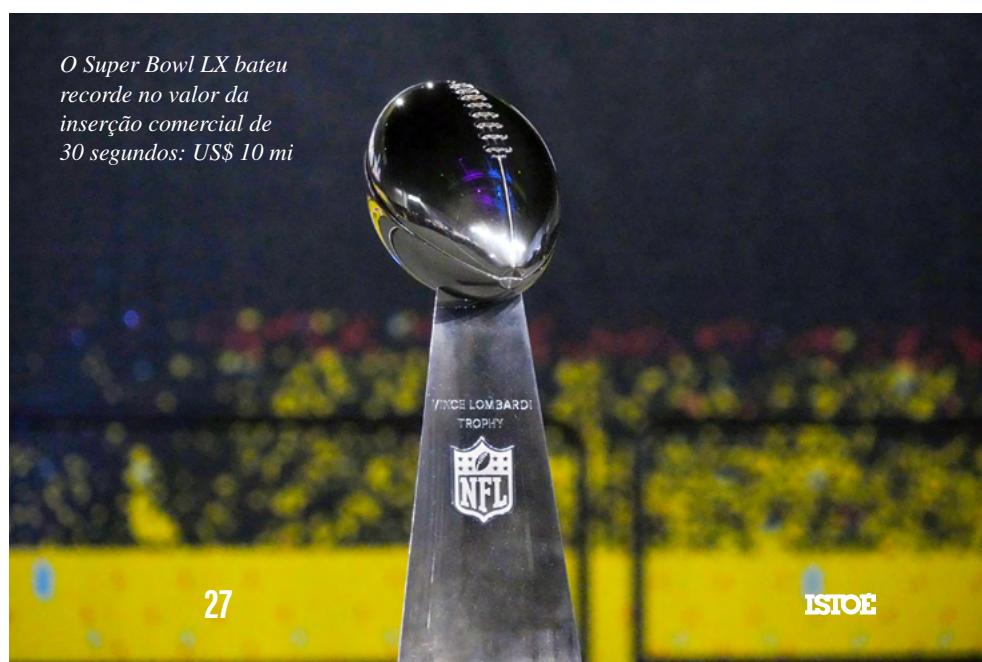
Experiência no Brasil

O crescimento do esporte da “bola oval” no Brasil é notável. Nos últimos dois anos, o país recebeu confrontos importantes da temporada regular na Neo Química Arena, em São Paulo. Para 2026, já está confirmado que o Brasil sediará novamente uma partida da NFL — desta vez no Maracanã, no Rio de Janeiro, com adversários ainda a definir.

Para expandir a marca globalmente, a liga também presenteia os fãs locais com o NFL Experience, evento repleto de ativações temáticas, atividades interativas, atrações musicais e gastronomia. No dia do Big Game, o evento acontecerá no Armazém 3, na Zona Portuária do Rio, com telões disponíveis para que o público acompanhe cada lance do grande confronto – e com direito ao show de Bad Bunny.

Quem quiser acompanhar o jogo pela TV, as opções são ESPN e Disney+, SporTV e GE TV (do Grupo Globo), e pelo streaming da DAZN, plataforma que oferece o NFL Game Pass. A TV Globo exibirá, pela primeira vez, os melhores momentos e o show do intervalo depois do Big Brother Brasil. ■

O Super Bowl LX bateu recorde no valor da inserção comercial de 30 segundos: US\$ 10 mi



Em busca do Ouro nas Dolomitas

Jogos Olímpicos de Inverno Milão-Cortina recebem atletas de 93 países, entre eles o Brasil, com sua maior delegação e chance real de conquistar medalha

André Ruoco

Com abertura nesta sexta-feira, 6, os Jogos Olímpicos de Inverno 2026 vão receber mais de 3.500 atletas de aproximadamente 93 países em Milão e Cortina d'Ampezzo, tradicional ponto de partida para as Dolomitas, cadeia montanhosa italiana. Esta será a 25ª edição do evento, que reúne desportistas de modalidades ainda pouco famosas em terras tropicais – mas que atraem muita curiosidade – e que combinam técnica, velocidade e resistência em disputas no gelo e na neve.

A história dos Jogos de Inverno começou há mais de um século. Antes de terem um evento próprio, modalidades como patinação artística e hóquei no gelo chegaram a integrar o programa dos Jogos Olímpicos de Verão. Em 1924, durante o ciclo olímpico de Paris, foi realizada em Chamonix, nos Alpes

Franceses, uma Semana Internacional de Esportes de Inverno, que mais tarde seria reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional como a primeira Olimpíada de Inverno.

Desde então, a Olimpíada de inverno passou a acontecer a cada quatro anos. A partir de 1994, os Jogos da temporada de frio ganharam calendário próprio e identidade definitiva dentro do movimento olímpico.

Em Milão-Cortina 2026, serão 16 esportes em disputa – com o encerramento no dia 22. A principal novidade desta edição é o esqui de montanhismo, modalidade que coloca os atletas à prova em percursos que envolvem subidas e descidas de montanhas no menor tempo possível. Além dela, seguem na programação esportes tradicionais como esqui alpino, snowboard, bobsled,

skeleton, patinação artística e hóquei no gelo, entre outros.

Esta será a terceira vez que a Itália recebe os Jogos de Inverno. O país já sediou a competição em Cortina d'Ampezzo, em 1956, e em Turim, em 2006. Em Milão-Cortina 2026, a cidade de Cortina voltará a ter papel central, reutilizando estruturas históricas da edição de 1956, como a montanha que receberá as provas do esqui alpino feminino e o ginásio que sediará as disputas do curling.

A edição de 2026 contará com um formato diferente das Olimpíadas tradicionais. Com foco em sustentabilidade e em redução de custos, a organização optou por um modelo descentralizado, espalhando as competições por diferentes cidades do norte da Itália, muitas delas já acostumadas a receber eventos internacionais de esportes de inverno.

As principais obras ficaram concentradas em dois projetos: a construção de uma nova arena indoor em Milão, que receberá os principais jogos do hóquei no gelo, e a modernização da tradicional pista Eugenio Monti, em Cortina, onde serão disputadas as provas dos esportes de trenó.

A Itália recebe a 25ª edição dos Jogos Olímpicos de Inverno: serão recebidos 3.500 atletas

PETER JEBAUTZKE



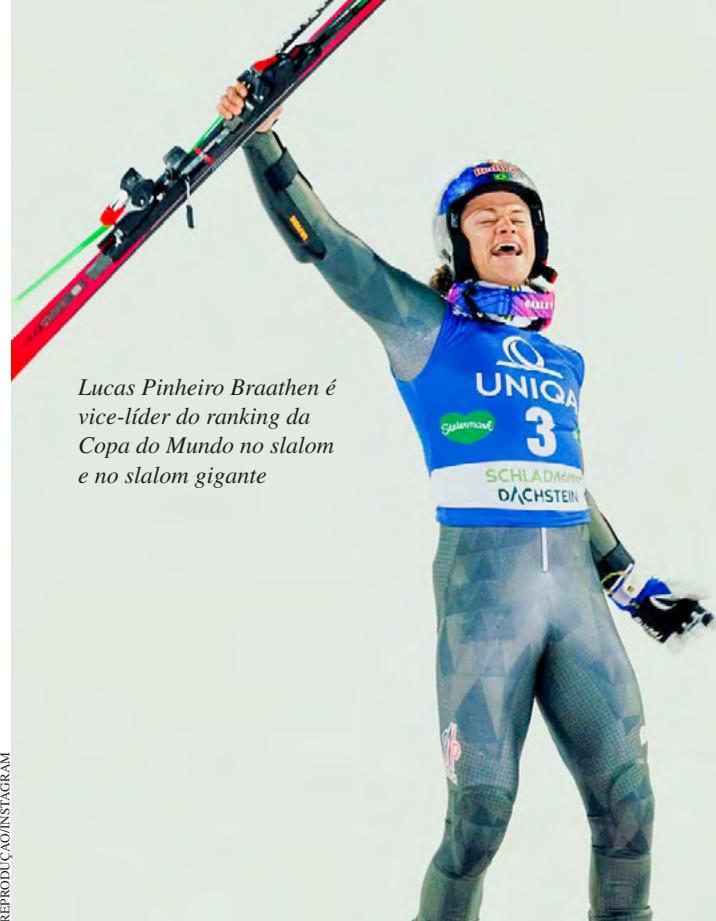
Expectativas brasileiras

O Brasil disputa os Jogos Olímpicos de Inverno desde o torneio de Albertville (na França), em 1992. A equipe chega a Milão-Cortina 2026 para sua décima participação.

A edição deste ano já é histórica. Isso porque, a delegação verde-e-amarela será a maior da história do país na competição, contando com 14 atletas, além de um reserva no bobsled. Os brasileiros estarão presentes em cinco modalidades: esqui alpino, esqui cross-country, skeleton, snowboard e bobsled. O melhor resultado do país em Jogos de Inverno aconteceu em Turim-2006, quando Isabel Clark terminou na nona colocação do snowboard cross.

Desta vez, o Brasil chega com nomes que alimentam expectativa por um resultado histórico. Lucas Pinheiro Braathen (esqui alpino), Nicole Silveira (skeleton) e Pat Burgener (snowboard) acumulam medalhas em etapas de Copa do Mundo e bons desempenhos em competições internacionais, o que os coloca como possíveis candidatos a brigar pelas melhores posições e, quem sabe, por uma medalha inédita para o país.

Uma das grandes apostas está em Lucas. Atualmente, ele é vice-líder do ranking da Copa do Mundo no slalom e no slalom gigante. Filho de mãe brasileira e pai norueguês, ele foi campeão do mundo no esqui alpino em 2023, quando ainda defendia a Noruega. Em 2024, decidiu competir pelo Brasil. E hoje fre-



Lucas Pinheiro Braathen é vice-líder do ranking da Copa do Mundo no slalom e no slalom gigante

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

quenta lista de favoritos na modalidade, dentre diversos atletas europeus.

De olho na abertura

A torcida pode comemorar outro acontecimento, antes mesmo das provas. A ginasta Rebeca Andrade, maior medalhista da história do Brasil em Olimpíadas, estará na cerimônia de abertura dos Jogos de Milão-Cortina – que vai ocorrer às 16h, no horário de

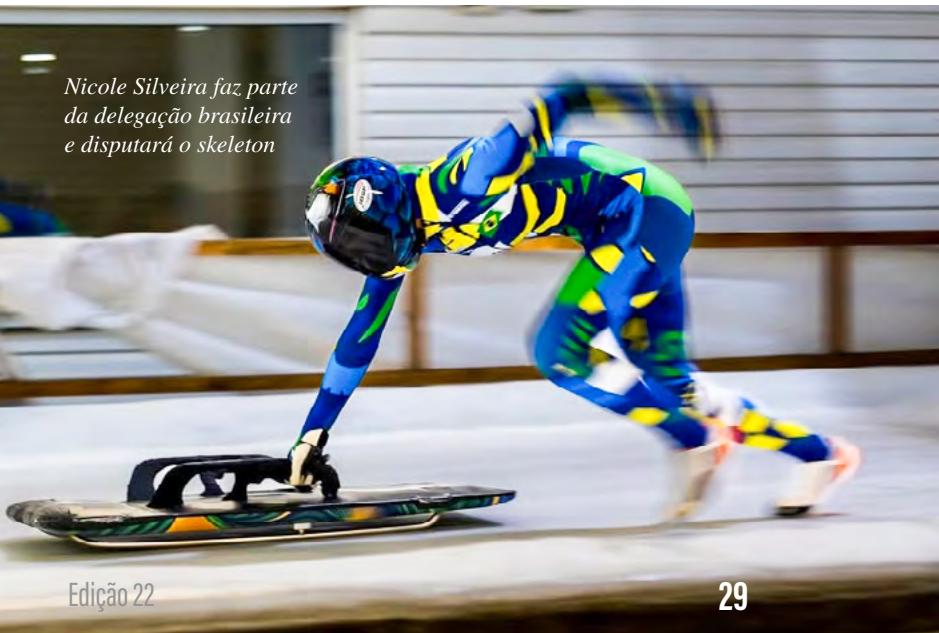
Brasília – e carregará a bandeira olímpica no estádio San Siro. Ela e mais sete personalidades foram convidadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para participarem da festa que inaugura o evento. Rebeca terá a companhia de atletas como o fundista queniano Eliud Kipchoge, pentacampeão olímpico no atletismo, e a boxeadora Cindy Ngamba, nascida em Camarões e que se tornou a primeira atleta da equipe de refugiados a subir ao pódio em Olimpíadas.

A transmissão dos jogos no Brasil será feita pela CazéTV e pelas plataformas de mídia da Globo. A cerimônia de abertura será exibida pela TV aberta, que também mostrará algumas das principais provas. O SporTV fará a cobertura dos Jogos e terá programas dedicados. A GE TV também terá conteúdo ao vivo e reportagens especiais.

A CazéTV exibirá as principais competições ao vivo, além de conteúdos especiais ao longo do evento, com destaque para os esportes, os atletas e os bastidores da Olimpíada. A proposta é levar o público brasileiro a acompanhar os Jogos de forma acessível e próxima, conectando informação e entretenimento durante toda a competição. ■

Nicole Silveira faz parte da delegação brasileira e disputará o skeleton

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM





A Expedição Katerre percorre o rio Jauaperi com o barco La Jangada

JONNE RORIZ/NOSSO IMPACTO

Turismo que transforma

Expedições na Amazônia unem contato com comunidades ribeirinhas, conservação da biodiversidade e experiências na floresta para redefinir o sentido de viajar

Jennifer Ann Thomas

São 430 quilômetros de Manaus, capital do Amazonas, até a comunidade de Itaquera, na divisa com Roraima, a bordo da Expedição Katerre. Ao longo do roteiro Resex Jauaperi, as paisagens se alternam entre o horizonte de margens largas do rio Negro e a proximidade com as copas de árvores da floresta alagada. Em oito dias de navegação, há paradas em comunidades ribeirinhas, onde escolas recém-construídas chamam a atenção em meio à floresta. Erguidas pela Fun-

dação Almeirinda Malaquias (FAM), as construções integram o Projeto Educação Ribeirinha e funcionam como ponto de encontro entre quem chega e quem vive ali. As visitas fazem parte de uma proposta de turismo que combina a relação com comunidades tradicionais, momentos de aprendizado e pausas para se divertir e contemplar a floresta símbolo da proteção ambiental, com direito a banhos de rio, cachoeiras, praias de areia branca e lagoas de águas cristalinas. “É um mundo à par-

te. Aqui, a natureza é viva, ela se mexe e encanta”, define a fotógrafa Helena Bach, que participou da expedição.

À primeira vista, a paisagem pode parecer intocada. A impressão, porém, é apenas parcial. Sob o “tapetão verde”, como dizem os locais, existe uma rede de comunidades que dependem da floresta tanto quanto a floresta depende delas. A bordo do La Jangada, a região é apresentada aos viajantes em camadas que unem aspectos sociais, ambientais e culturais. A começar pela



JONNE RORIZ / NOSSO IMPACTO

tripulação, composta por 15 pessoas — as histórias e o conhecimento sobre a navegação nos rios, cheios de troncos, pedras e bancos de areias, são compartilhados durante o percurso e ajudam a traduzir a lógica de um território molhado pela água.

Ao mesmo tempo, como destino turístico ainda desconhecido por boa parte dos brasileiros, a proposta da Katerre é promover vivências capazes de despertar ou aprofundar o vínculo com a Amazônia. Trilhas na mata fazem parte dos roteiros e são conduzidas por guias que ensinam a identificar sons, insetos e animais escondidos entre as árvores, sempre no ritmo da floresta.

Fundada há 20 anos, a Katerre nasceu da convicção de que a Amazônia precisa ser apresentada com densidade. O empresário Ruy Tone, um dos fundadores iniciais da empresa, se inspirou no turismo africano para desenvolver o modelo de negócios. A operadora atua com três embarcações: o La Jangada — construído em Santarém (PA) —, o Jacaré-Açu e o Jacaré-Tinga, ambos feitos em Novo Airão, com design amazônico e uso de materiais regionais.

Navegar na região é uma aventura, mas a viagem pode ser feita com conforto. As cabines são suítes equipadas com ar-condicionado, e os pacotes são all inclusive, com refeições preparadas com ingredientes regionais e peixes frescos, além de serviço de bar a bordo. A Katerre oferece expedições de 4 a 8 dias, com roteiros diferentes para cada duração.

Escolas em construção

Durante as paradas e os passeios de voadadeira, as frentes de atuação socioambiental impulsionadas pelo turismo aparecem com naturalidade, de forma integrada ao cotidiano da floresta. Tone também preside a FAM, que tem a Katerre como sua principal mantenedora. Por meio da fundação, 23 escolas estão sendo construídas ou reformadas em comunidades de Novo Airão, município com área equivalente à da Suíça e com cerca de 2.000 habitantes fora da zona urbana.

A proposta de melhorar a educação de comunidades do rio Negro nasceu a partir da determinação de Paul Clark, escocês que fundou a Escola Vivamazonia e, junto com sua esposa italiana, Bianca Bencivenni, morou na região por 30 anos. Antes, a escola de Clark era um dos pontos de parada dos roteiros da Katerre. Contudo, o escocês teve de fechar as portas para tratar um câncer — ainda assim, uma frase sua reverberou em Tone: “A gente é só uma escola. Mas talvez, se fossem 20, 30, 50 escolas, pudesse ser uma microrrevolução.” Hoje, o projeto impacta a aprendizagem de cerca de 800 alunos.

Na comunidade Mirituba, uma das paradas da expedição, o resultado desse trabalho se tornou concreto. Ou melhor, uma escola de madeira. Ali vivem cerca de 15 famílias da etnia apurinã. Uma das lideranças locais, Vanuza Rodrigo de Oliveira, recebe os visitantes em frente à nova construção. “Quere-

mos resgatar a nossa cultura”, afirma. Agora, a principal reivindicação é a presença de um professor da mesma etnia, capaz de ensinar tanto o currículo formal quanto os saberes tradicionais.

O projeto conta com a participação dos moradores desde a extração de matéria-prima até a construção, o que gera renda às famílias. Com módulos que custam R\$ 100 mil, R\$ 150 mil ou R\$ 250 mil, cada escola inclui uma casa de apoio para os professores, que raramente são nativos das comunidades. As unidades são doadas à prefeitura e ficam sob a gestão do poder público. Num segundo momento, será trabalhada a melhora do conteúdo pedagógico — também em parceria.

Após as expedições, é comum que os visitantes se sensibilizem para apoiar novas construções. Ao mesmo tempo em que doações são bem-vindas, Tone é pragmático sobre o papel dos viajantes. “Só por escolher esse tipo de pacote, o turista já contribui para a engrenagem funcionar a favor das pessoas que vivem aqui”, explica. Um roteiro de quatro dias e três noites, por exemplo, custa a partir de R\$ 13.750 em uma cabine com cama de casal.

A lógica do turismo de base comunitária permeia todo o roteiro. Um dos passeios percorre os igarapés da Resex Baixo Rio Branco-Jauaperi até a Lagoa Azul. São os próprios ribeirinhos que conduzem as canoas e preparam o churrasco de peixe na beira do rio — e, é claro, são remunerados por esses ser-



Os viajantes se encontram com a samáuma, árvore conhecida como a “mãe da floresta”

JONNE RORIZ

viços. O trajeto termina em um ponto onde a incidência de luz cria tons de azul-turquesa em águas calmas da região, criando o cenário perfeito para um mergulho no igarapé.

Para Helena Bach, que voltou a morar no Brasil após uma década em Londres, a viagem teve um caráter de descoberta. "Pude aprender sobre um lugar do qual eu não sabia nada. É um patrimônio brasileiro que não conhecemos e, por isso mesmo, com o qual não nos envolvemos", reflete.

Além das comunidades, o roteiro inclui visitas a Airão Velho, no Parque Nacional do Jaú, caminhadas até samáumas — árvore conhecida como a mãe da floresta —, banhos em corredeiras que se revelam em meio aos rios e saídas noturnas para a focagem de jacarés. Há, também, atividades de pesca e paradas frequentes para observação de fauna e flora, incluindo a tradicional atividade em Novo Airão para a interação com botos-cor-de-rosa.

Preservação de tartarugas

Quem participa da expedição no mês de janeiro tem a possibilidade de acompanhar a soltura de quelônios, parte do trabalho da Associação dos Artesãos e Extrativistas Rio Jauaperi (AARJ), mantida pela Katerre desde 2010 e com apoio da Wildlife Conservation Society (WCS). O projeto protege 100 quilômetros, sete praias de desova no rio Jauaperi, e envolve integrantes de

seis comunidades na coleta, incubação de ovos e cuidados com os filhotes por até 45 dias antes da soltura. Esse processo aumenta as chances de sobrevivência dos animais, cuja taxa natural é de cerca de 1%. Em 2026, a expectativa é que quase sete mil filhotes sejam soltos. Aqueles que se dedicam à proteção dos quelônios também são remunerados como uma forma de Pagamento por Serviço Ambiental (PSA).

"É preciso educar as pessoas para que elas retornem a esses ambientes e passem a valorizá-los", defende Tone. "Só assim vamos conseguir reverter,

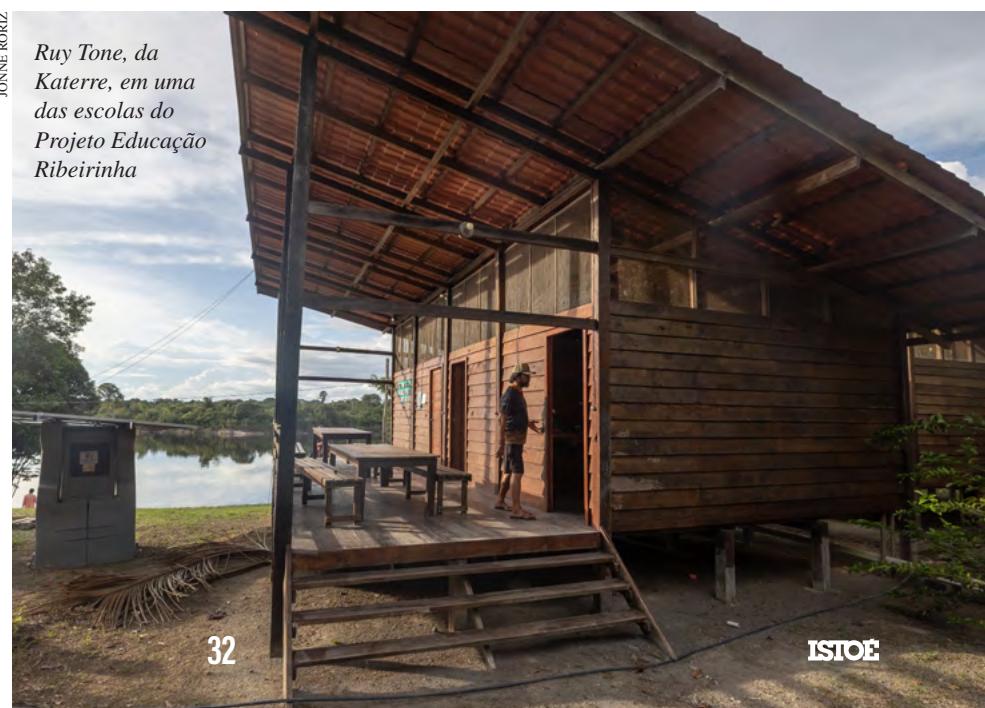
ou, ao menos, estancar, a perda de biodiversidade", emenda.

Além do público brasileiro, os roteiros são bastante procurados por turistas europeus. O artista plástico alemão Holger Schmidhuber, que vive em Berlim, participou da expedição como parte de sua pesquisa para criar obras baseadas em fotografias tiradas por ele na Amazônia. "A temperatura, a umidade, a chuva, tudo é diferente para mim. Estar tão imerso na natureza é fundamental para o meu processo criativo", relata. Helena descreve a conexão de outra maneira. "O verde me atrai. A combinação do céu, da chuva, das árvores e dos pássaros é uma experiência de vida única", diz. Para ela, que decidiu conhecer o Brasil após anos vivendo fora do país, a Amazônia foi um ponto de partida extremamente simbólico.

Depois de uma semana de imersão na natureza, a viagem chega ao fim no Mirante do Gavião, hotel que faz parte do mesmo grupo da Katerre em Novo Airão, com vista para o rio Negro. Ali, os viajantes têm tempo para elaborar a vivência antes do retorno para casa. Para Tone, o principal objetivo da expedição é que os turistas compreendam que a floresta é, também, um território humano. Mais do que um roteiro pela paisagem, a experiência propõe um encontro com a Amazônia real, onde natureza, cultura e sociedade caminham juntas. ■

JONNE RORIZ

Ruy Tone, da Katerre, em uma das escolas do Projeto Educação Ribeirinha



Macron surgiu em Davos com óculos da marca devido a um problema nos olhos



O modelo Pacific S 01 custa 659 euros

das de ouro coladas ao metal base da armação. É um processo técnico raro, desenvolvido no século XIX. A dupla laminagem de ouro confere aos óculos grande durabilidade e resistência à oxidação.

A técnica Doublé Or Laminée fixa o ouro de forma indissociável ao metal base, diferentemente do “banho” tradicional. Por esse tipo de cuidado, a empresa diz que é vista como uma marca de nicho no segmento de alto padrão, “e os preços refletem esse posicionamento”. O uso dessas lâminas está associado ao fundador da companhia. Henry Jullien, o próprio, iniciou trabalhando com ouro e criando joias. Depois, mudou sua atividade para a produção de óculos em ouro laminado.

A proposta da marca, no entanto, vai além do Doublé Or, esclareceu a companhia, que ressalta que, em sua história, já foram desenvolvidos entre 300 e 400 modelos. “A coleção que mais nos trouxe satisfação no último ano, desde o seu lançamento, foi a linha Luxe”. Essa família é caracterizada por novas tecnologias de produção, como o uso de titânio.

A Luxe respondeu, no ano passado, por mais de 50% das vendas em comparação com o restante da produção. Nessa coleção, um dos modelos que a empresa destaca é o Suzuka, uma homenagem ao lendário circuito japonês. Custa 799 euros. Produção de edição limitada, ele combina titânio e fibra de carbono para oferecer leveza e resistência.

Mas, depois de Davos, só se tem olhos para o Pacific S 01. A empresa não reclama. Enquanto aproveita a boa onda da propaganda indireta feita por Macron, ela investe em produtos alinhados com o conceito de luxo – alguns modelos foram apresentados nessa semana na feira Mido, na Itália, uma das referências do setor. Outro foco da marca está no segmento “glacant”, ou seja, óculos sem aro. ■

Charme azul

A francesa Henry Jullien celebra o efeito Macron, que usou um modelo de seus óculos, e fez a procura pelo produto disparar

Quem poderia imaginar que o presidente francês Emmanuel Macron se tornaria garoto-propaganda de uma marca? Informalmente foi o que aconteceu em janeiro, durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos. Por estar com uma pequena hemorragia na parte branca dos olhos, ele resolveu apelar a um modelo de óculos escuros, de lentes azuis. Foi o que bastou para as pessoas perguntarem o que Macron estava usando.

A resposta é Henry Jullien, marca francesa centenária que foi adquirida pela italiana iVision em 2023. O modelo em questão é o Pacific S 01. No primeiro momento, não se sabia quem era a fabricante. A equipe de Macron não se pronunciava a respeito. Mas logo o mundo da internet desvendou o mistério. E a própria Henry Jullien divulgou o fato em suas redes sociais.

Segundo a empresa, o Pacific S 01 sempre foi um de seus modelos mais vendidos. Sob o efeito Macron, o resultado foi um movimento que chegou a derrubar o site da marca. Uma semana após a aparição do presidente francês, os pedidos pelo modelo – que saí por 659 euros no e-commerce, sem contar taxas – ultrapassaram o número de 500. “Esperamos que continue crescendo”, disse a companhia, por meio da equipe de comunicação. Ela declarou que Macron adquiriu o produto em 2024.

O Pacific S 01 faz parte da histórica coleção Doublé Or. Trata-se de um modelo com cerca de 25 anos, que passou por um redesenho há aproximadamente dez anos. Ele é considerado um modelo masculino, mas hoje é usado por qualquer pessoa.

Outro ponto importante da linha é que os fabricantes utilizam duas camas-



Hélio Oiticica, "Invenção da Cor", Penetrável Magic Square #5, De Luxe, 1977

JULIA LANARI

Arte e natureza em festa

Completando duas décadas em 2026, Inhotim planeja um ano de comemorações e se consolida como o maior museu a céu aberto da América Latina

Ana Carolina Nunes

Está lá, na 24ª posição entre as 52 indicações do ranking do The New York Times, o nome do Instituto Inhotim como um dos lugares para se conhecer em 2026, o único destino brasileiro na lista publicada pelo jornal americano no início do ano. Localizada em Brumadinho, a instituição ocupa uma área total de 786 hectares (incluindo terrenos de preservação ambiental). Em parte desse amplo espaço se espalham obras de artistas consagrados. “Para nós, foi uma grande surpresa. É, de alguma forma, não só um reforço do nosso trabalho, mas um reforço grande para comemorar nossos 20 anos”, afirma Paula Azevedo, diretora-presidente da instituição.

Em 2026, o Inhotim, sempre acompanhado do aposto “o maior museu a céu aberto da América Latina” (e um dos maiores do mundo), vai marcar a data com uma extensa programação no

calendário que se divide em três frentes de atuação: arte, natureza e educação, com foco para temas que exploram criação, território e comunidade.

“Quando falamos de arte, natureza e de educação, no Inhotim, estamos falando de território, principalmente. Os nossos programas e as nossas ações olham para Brumadinho, cidade que é o nosso lar”, conta Paula. Ela ressalta que Inhotim é um museu em que a visita é ditada pela natureza e pelas estações. É uma de suas peculiaridades em comparação a outros centros artísticos. “Aqui, você se programa, passa o dia, se alimenta e vive o tempo do museu; porque você pode ter um espaço mais florido, você pode ter um Inhotim mais seco, mais verde... Dependendo da época do ano, a paisagem muda. Então, isso é muito relevante também”.

O calendário – do ano e da curadoria – contempla oito novos projetos,

entre galerias e obras comissionadas. Destaque para a reforma e incorporação de uma nova obra na Galeria Cildo Meireles, consolidando o conjunto de obras em exibição como o mais importante do artista brasileiro, um dos principais nomes da escultura e da pintura do país.

A festa de aniversário está marcada para 18 de outubro, que será gratuita e contará com uma exposição comemorativa dos 20 anos do Inhotim, que revisita marcos da trajetória do museu e propõe um olhar sobre o futuro da instituição. Terá ainda uma escultura monumental e inédita de Lais Myrrha, comissionada especialmente para o parque, e o retorno de *The Murder of Crows* (2009), de Janet Cardiff & George Bures Miller, instalação sonora e um dos trabalhos mais populares já apresentados no museu.

“É muito importante trazer a história do Inhotim, mostrando o que houve



Cildo Meireles, "Desvio para o Vermelho II: Entorno", 1967-1984

de lá para cá para chegarmos até aqui, que é esse Inhotim que hoje está nas páginas do The New York Times, que hoje está na Embaixada Brasileira em Washington, e que é também um modelo para outras instituições", destaca a diretora-presidente. Para ela, é preciso valorizar o lugar do Inhotim como um espaço brasileiro e mineiro. "Ele começou com um sonho e, de repente, virou um patrimônio público de fato, aberto para o Brasil e para o mundo".

A relação com Brumadinho também ganha centralidade. Com cerca de 80% de seus colaboradores vindos da região, o museu destinará R\$ 240 mil em 79 bolsas de pesquisa para a comunidade local em 2026. "Pensar a nossa atuação sob esse viés é uma maneira de celebrar junto com a cidade que projetou o Inhotim para o mundo", diz Paula.

História de resiliência

O ano de celebrações também contempla o recorde de visitantes registrado em 2025, de mais de 361 mil pessoas. É um resultado que reforça a celebração pelos 20 anos de história, período marcado por resiliência e renovações.

Após enfrentar a tragédia de 2019 em Brumadinho - em que o rompimento de uma barragem da Vale cobriu a cidade de lama de rejeito de mineração e deixou 272 mortos -, e a pandemia, em que o local ficou fechado por oito meses, o museu passou por um importante processo de institucionalização.

Celebração dos 20 anos

O que o museu preparou no calendário de comemoração

- **Fevereiro:** Inaugurações de Grada Kilomba e Paulo Nazareth.
- **Abri:** Inaugurações de Dalton Paula, Davi de Jesus do Nascimento e Lais Myrrha.
- **Junho:** III Seminário Internacional Transmutar.
- **Setembro:** Exposição 20 Anos e evento benéfico Anoitecer Inhotim.
- **Outubro:** Novas obras de Cildo Meireles e Janet Cardiff; Festa de Aniversário (18/10).

Em 2022, o fundador Bernardo Paz realizou a doação integral e irrevogável do acervo e das terras ao Instituto, transformando o que era uma coleção particular em um patrimônio público gerido por uma governança profissional.

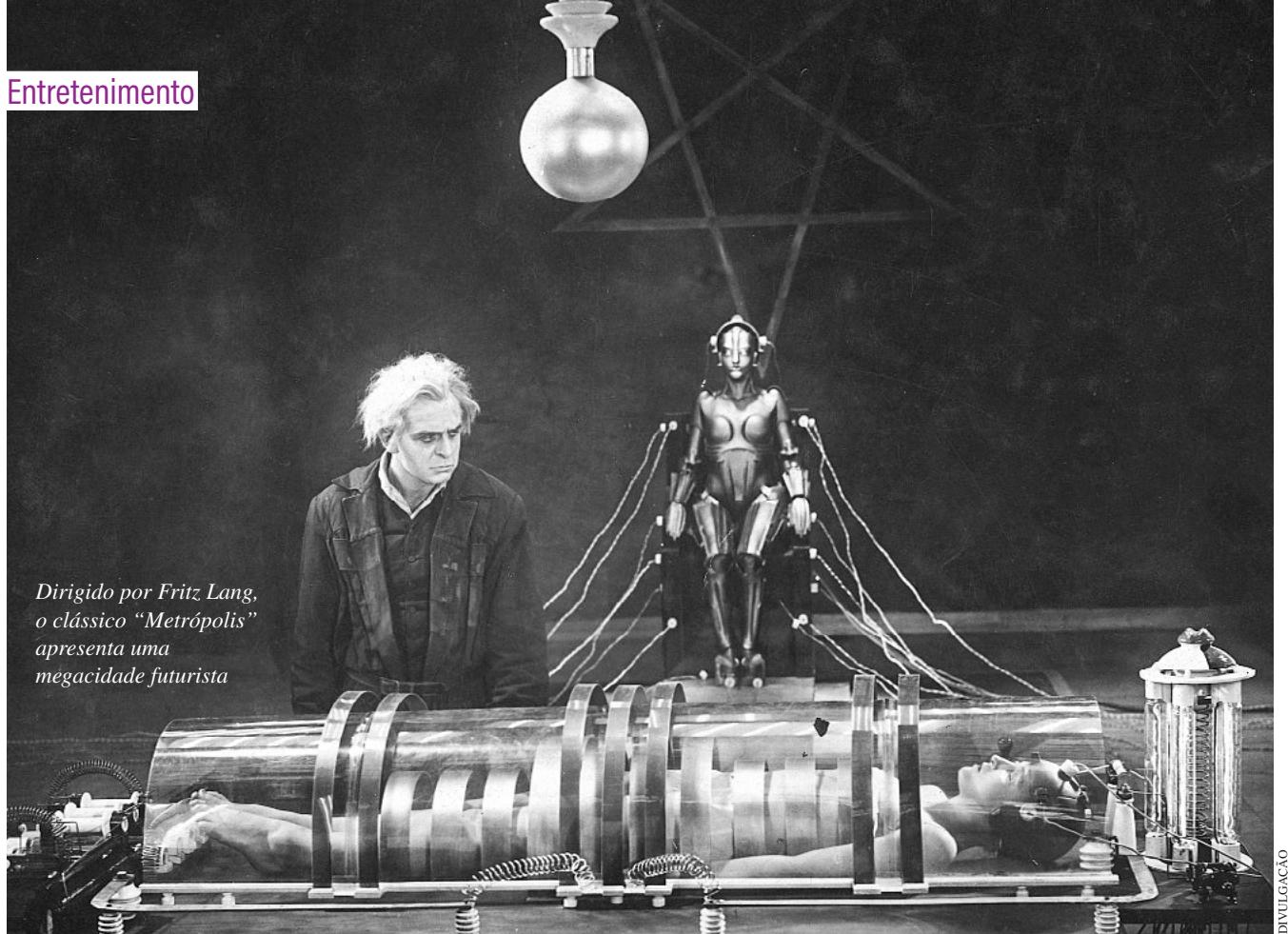
"Inhotim deixou de pertencer a um CPF para ser um patrimônio público", destaca Paula Azevedo. Sob sua liderança, a receita quase dobrou nos últimos quatro anos, saltando de R\$ 53 milhões para R\$ 96 milhões, graças também à diversificação de fontes que incluem bilheteria, leis de incentivo e programas de patronato.

O museu lançará em abril seu primeiro Fundo Patrimonial (também chamado endowment). A ideia é fazer captações no Brasil e no exterior. Ele terá três fases: acumulação (até R\$ 50 milhões), transição (até R\$ 100 milhões) e consolidação (acima de R\$ 100 milhões). "Quando atingirmos a consolidação, poderemos usar os rendimentos para custear a instituição, tornando-a protegida de oscilações políticas ou econômicas. Queremos ser um modelo de gestão que possa ser replicado por outras coleções privadas no Brasil", revela a diretora. ■



Tunga, "Palíndromo Incesto", 1990-1992, Galeria Psicoativa

FOTOS WILLIAM GOMES



Dirigido por Fritz Lang, o clássico "Metrópolis" apresenta uma megaciudadade futurista

DIVULGAÇÃO

Aprovados pela Nasa

Agência espacial norte-americana lista os filmes de ficção científica mais realistas da história

Filmes de ficção científica conquistaram o público há anos, mas nem sempre com representações realistas da ciência. Com isso em vista, a Nasa, a agência espacial norte-americana, listou os longas-metragens mais fiéis à realidade já produzidos na história do cinema. Os cientistas consultados ressaltaram que não se trata de elencar obras que preveem o futuro perfeitamente ou que representem histórias reais. O objetivo foi destacar quais filmes retratam os princípios científicos de forma mais verossímil.

Nas produções que a agência selecionou, a ciência é levada a sério e possibilita justificativas lógicas dentro do mundo ficcional, sem soluções mágicas para questões tecnológicas.

Confira sete filmes aprovados pela Nasa:

"Gattaca: A Experiência Genética" (1997)

A obra aborda um futuro moldado pela engenharia genética com uma fidelidade científica incomum para a ficção. Escrito e dirigido por Andrew Niccol, o filme antecipa debates reais da genética moderna, como a seleção de embriões, o mapeamento do DNA e a discriminação genética, conceitos que, décadas depois, se tornaram tecnicamente viáveis ou eticamente discutidos. Embora dramatizada, sua base científica é considerada sólida, o que faz de "Gattaca" um trabalho frequentemente citado por cientistas como

exemplo de ficção especulativa bem fundamentada. No elenco, estão Ethan Hawke, Uma Thurman e Jude Law.

"Contato" (1997)

Dirigido por Robert Zemeckis, o longa narra a jornada da astrônoma Ellie Arroway, interpretada por Jodie Foster, em busca de sinais de vida inteligente no universo. Seus esforços a levam à descoberta de uma misteriosa transmissão de origem extraterrestre. Enquanto desenvolve uma história marcada por conflitos políticos, pessoais e filosóficos, o filme também se diferencia pelo cuidado com a base científica, inspirada em conceitos reais da astronomia, da radioastronomia e da física teórica.

"Contato" mostra uma astrônoma (Jodie Foster) em busca de sinais de vida inteligente no universo



FOTOS DIVULGAÇÃO

"Metrópolis" (1927)

Este clássico do cinema se passa em uma megaciudad futurista profundamente dividida entre a elite dirigente e os trabalhadores que sustentam o funcionamento das máquinas. A trama, dirigida por Fritz Lang, acompanha o conflito entre essas duas classes e a tentativa de conciliação diante do avanço descontrolado da tecnologia. Mesmo que seja uma obra de ficção expressionista, o filme se destaca pela visão pioneira sobre automação, mecanização do trabalho e impactos sociais.

Terra rumo à Lua em busca de recursos valiosos, misturando aventura, drama e ambição humana. O longa se destaca pelo rigor técnico incomum para a época: o diretor contou com consultoria científica, apresentando conceitos como contagem regressiva, uso de foguetes de múltiplos estágios e condições do voo espacial com notável precisão. Mesmo antecedendo a era espacial em décadas, a obra é frequentemente citada como um dos primeiros exemplos de ficção científica cinematográfica comprometida com plausibilidade.

"O dia em que a Terra parou" (1951)

Mais um clássico do cinema. A produção retrata a chegada de um extraterrestre à Terra com um alerta direto sobre os riscos do uso irresponsável da tecnologia humana. Embora inserido no contexto da Guerra Fria, o filme, com direção de Robert Wise, se destacou pelo esforço em tratar a ciência com seriedade, consultando físicos da época e evitando soluções puramente fantasiosas. A presença de conceitos como viagens interestelares racionais, robótica avançada e energia nuclear confere à obra uma base científica relativamente sólida para seu tempo. Ganhou remake em 2008, com Keanu Reeves no papel do extraterrestre.

"Mulher na Lua" (1929)

Outro filme dirigido por Fritz Lang, "Mulher na Lua" acompanha uma expedição científica que parte da

"O enigma de outro mundo" (1951)

O longacompanha um grupo de cientistas e militares no Ártico após a descoberta de uma nave extraterrestre e de uma forma de vida desconhecida. A narrativa se constrói a partir do isolamento e da tensão gerados pelo contato com o alienígena. Para a época, o filme se destacou pelo esforço em tratar a ciência com relativa seriedade e ao retratar pesquisadores, métodos de investigação e debates racionais sobre a criatura extraterrestre. A direção é Christian Nyby, com produção de Howard Hawks.

"Jurassic Park" (1993)

O primeiro filme da franquia "Jurassic Park"companha a inauguração de um parque temático onde dinossauros são recriados a partir de DNA antigo, experimento que rapidamente foge ao controle. O filme se diferencia pelo cuidado em dialogar com conceitos reais da genética e da biotecnologia, então em rápida evolução. Embora algumas liberdades científicas sejam evidentes, "Jurassic Park" – dirigido por Steven Spielberg – marcou época ao apresentar ao grande público uma ficção científica ancorada em hipóteses plausíveis, estimulando debates reais sobre ética, clonagem e limites da ciência. ■

"Jurassic Park", de Spielberg, dialoga com conceitos reais de genética e biotecnologia



Filmes e séries

Alcoolismo feminino no cinema

Esta semana tem estreia de "(Des)controle com Carolina Dieckmann. No streaming, um spin-off de "Irmandade"

FOTOS DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"(Des)controle"

Kátia Klein (Carolina Dieckmann) é uma escritora em crise criativa e emocional. Inicialmente banal, o consumo de álcool passa a afetar sua rotina. A narrativa acompanha o efeito sobre relações, trabalho e identidade. Com direção de Rosane Svartman e Carol Minêm.

"A Cronologia da Água"

Lidia Yuknavitch (Imogen Poots) transforma uma trajetória marcada por abusos, perdas e autossabotagem em matéria de criação. Entre a natação e a escrita, o filme, dirigido por Kristen Stewart, constrói um retrato sobre sobrevivência e linguagem.

"Lago dos Ossos"

Dois casais se encontram em uma casa isolada à beira de um lago, e o que começa como convivência cordial evolui para um jogo de tensão psicológica. O brasileiro Marco Pigossi integra o elenco central.

"Destruição Final 2"

Continuação do filme de 2020, que mostrava a corrida por abrigo antes do impacto de um cometa na Terra. Agora, a catástrofe já ocorreu, e John Garrity (Gerard Butler) precisa deixar o bunker com a família. A jornada se dá em um mundo devastado e hostil.



Destaques do streaming

"A Garota da Vez"

Uma aspirante a atriz cruza o caminho de um assassino em série na Los Angeles dos anos 70 quando ambos são escalados para um episódio do programa "The Dating Game". Estrelado e dirigido por Anna Kendrick.

Estreia dia 6.
HBO Max.



"Salve Geral: Irmandade"

Com estreia no dia 11, a produção expande o universo da série "Irmandade". Após a transferência de líderes da facção, a filha do fundador Edson (papel de Seu Jorge) é sequestrada por policiais corruptos, desencadeando ataques em São Paulo.

Netflix.



"Cross" - 2º Temporada

A série que acompanha o detetive Alex Cross (Aldis Hodge) retorna dia 11. A nova fase aprofunda conflitos pessoais. A trama mantém foco em violência urbana e perfis psicológicos.

Prime Video.



"Love Story: John F. Kennedy Jr. & Carolyn Bessette"

Documentário revisita um dos casais mais observados dos anos 1990. Ele reconstrói o relacionamento entre o herdeiro político e a executiva de moda sob constante escrutínio da mídia. Na grade no dia 12.
Disney+.



A mãe que sempre será lembrada

A atriz e comediante canadense Catherine O'Hara marcou sua carreira com "Esqueceram de Mim" e "Os Fantasmas se Divertem" e também brilhou em séries como "The Last of Us" e "Schitt's Creek"

A atriz e roteirista canadense Catherine O'Hara tem uma extensa carreira no audiovisual, mas é inegável que sua trajetória no cinema está marcada por duas obras que se tornaram clássicos para todas as idades: "Esqueceram de Mim" (1980) e "Os Fantasmas se Divertem" (1988). No primeiro, ela fez a mãe do pequeno Kevin, vivido por Macaulay Culkin aos 10 anos. No segundo, interpretou a mãe de Lydia, personagem de Winona Ryder aos 16 anos. Ícone em seu país e notória estrela da comédia nos Estados Unidos, ela morreu na sexta-feira, 30, aos 71 anos, em Los Angeles. A causa não foi divulgada.

Nascida em 4 de março de 1954, em Toronto, Ontário, Catherine construiu uma história que atravessou cinco décadas no cinema e na televisão. Ela ganhou projeção no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 com o programa "Second City Television", derivado do coletivo canadense de comédia The Second City. Exibida entre 1981 e 1983, a produção semanal era composta de esquetes que satirizavam a própria TV. Pelo trabalho como roteirista, recebeu seu primeiro Emmy, em 1982. Lá estabeleceu uma parceria com Eugene Levy, que se estendeu por cerca de 40 anos em diferentes formatos e projetos.

No cinema, tornou-se amplamente conhecida do grande público ao interpretar Kate McCallister, a mãe de Kevin. O filme rendeu uma continuação:



A carreira de Catherine começou pela comédia; fez TV, cinema e streaming

"Esqueceram de Mim 2: Perdido em Nova York" (1992). O longa ajudou a consolidar sua imagem junto a audiências globais. A sintonia com Culkin foi completa e ele passou a chamá-la de "mãe" fora das filmagens.

Catherine também esteve associada de forma recorrente ao universo criativo de Tim Burton. Além de atuar em "Os Fantasmas se Divertem" - ou "Beetlejuice", na versão original -, a atriz fez dublagem em "Frankenweenie" (2012) e em "O Estranho Mundo de Jack" (1993), produção assinada por Burton. Participou ainda de "Desventuras em Série" (2004), adaptação ci-

nematográfica baseada nos livros de Lemony Snicket. Foi durante as filmagens de "Beetlejuice" que conheceu o designer de produção Bo Welch, com quem se casou em 1992 e teve dois filhos.

Entre outros trabalhos estão "Esperando o Sr. Guffman" (1996), "O Melhor do Show" (2000) e "Os Grandes Músicos" (2003), títulos que reforçaram sua habilidade para personagens excêntricos e humor de observação. Na animação, integrou o elenco de vozes de "Os Sem-Floresta" (2006).

Na televisão, viveu um de seus papéis mais reconhecidos como Moira Rose em "Schitt's Creek" (2015), série de comédia sobre uma família rica que perde a fortuna e precisa recomeçar em uma pequena cidade. Pela interpretação, venceu o Emmy de Melhor Atriz em Série de Comédia em 2020.

Também participou da segunda temporada de "The Last of Us" (2023), série baseada no game homônimo, e integrou o elenco de "The Studio" (2025), produção da Apple TV+ ambientada nos bastidores da indústria audiovisual, ao lado de Seth Rogen, papel que lhe rendeu nova indicação ao Emmy.

Após a notícia da morte da atriz, Culkin publicou uma mensagem de despedida dirigida à Catherine: "Mãe. Achei que tivéssemos tempo. Eu queria mais. Queria sentar numa cadeira ao seu lado. Eu te ouvi, mas tinha muito mais para dizer. Eu te amo. Te vejo depois".

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Orelha e fake news

A comoção de Paolla Oliveira com o caso do cão Orelha, morto em Florianópolis, foi um dos posts que agitou as redes. A divulgadora científica Mari Kruger chamou atenção ao falar sobre os problemas da desinformação.

Paolla Oliveira se emociona com a morte do cão Orelha

A atriz Paolla Oliveira, 43 anos, se emocionou ao falar nas redes sociais sobre a morte do cachorro comunitário Orelha, vítima de agressões atribuídas anteriormente a um grupo de adolescentes em Florianópolis – hoje, a suspeita recai sobre um dos jovens. Abalada, Paolla refletiu sobre o impacto social do caso e demonstrou indignação diante do nível de violência envolvido.



● 293 mil ❤ 3,2 mil

Mari Kruger e os riscos da desinformação

Em entrevista à IstoÉ Saúde, a bióloga e divulgadora científica Mari Kruger fala sobre a banalização de termos como inflamação e cansaço crônico, o risco das soluções milagrosas nas redes e os desafios de comunicar ciência em um ambiente dominado por promessas rápidas. Com linguagem acessível e rigor científico, Mari alerta que a desinformação em saúde já se tornou um problema da esfera pública.



● 439 mil ❤ 13 mil

Visitas barradas

O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), negou na quinta-feira, 29, os pedidos de Jair Bolsonaro (PL) para receber as visitas de Valdemar Costa Neto, presidente do seu partido, e do senador Magno Malta (PL-ES), no presídio da Papudinha, onde cumpre pena por tentativa de golpe de Estado. Conforme a decisão do magistrado, o senador tentou visitar o ex-presidente sem autorização, gerando “riscos desnecessários à segurança” da cadeia e, por isso, teve o pedido negado. No caso de Valdemar, a negativa se deu porque o dirigente também é investigado por suspeita de participação na trama golpista.



● 218 mil ❤ 9,6 mil

Surto de doença de Chagas e consumo de açaí

Um surto de doença de Chagas acendeu um alerta no Pará. Quatro mortes já foram registradas e cerca de 40 casos suspeitos estão em investigação. A principal hipótese é a transmissão associada ao consumo de alimentos contaminados, como o açaí produzido ou armazenado sem as condições adequadas. Autoridades sanitárias intensificaram as ações de vigilância na região.



● 120 mil ❤ 3,2 mil

Virginia “resgatada” em ensaio da Grande Rio

A influencer Virginia Fonseca cometeu uma leve gafe em um ensaio técnico da Grande Rio. Ela perdeu o momento do recuo da bateria na Sapucaí e precisou ser resgatada por um componente da escola que a colocou no local correto. Virgínia desfila pela primeira vez no sambódromo e faz sua estreia como rainha de bateria da agremiação carioca.



No ensaio técnico da Grande Rio, Virginia não acompanha a bateria no recuo e precisa ser “resgatada”

● 282 mil ❤ 2,6 mil

Palavra por palavra



MARKUS SCHREIBER/AP

"Esse é um ataque político"

Elon Musk, chairman do X, em reação a uma operação coordenada pelo Ministério Pùblico parisiense, que fez busca e apreensão na sede da empresa na capital francesa. Entre as acusações estão impulsionamento de conteúdos ilegais e extremistas e uso da ferramenta de IA da plataforma, Grok, para a produção de imagens falsas que sexualizam mulheres e crianças



ANGELINA KATSANIS/AP

"Vivemos um Armagedom da informação, a crise por trás de todas as crises, alimentada por tecnologias predatórias que espalham mentiras mais rapidamente do que fatos e lucram com nossas divisões. Não é possível resolver problemas cuja existência não conseguimos sequer concordar"

Maria Ressa, jornalista filipina e ganhadora do Nobel da Paz de 2021, em comunicado do Boletim dos Cientistas Atômicos, organização que ajusta o "Relógio do Juízo Final", o ponto teórico da aniquilação humana. Na mais recente atualização, estamos a 85 segundos da meia-noite

"Depois que ganhei, achei que ia aparecer um caminhão de roteiros estacionando na porta da minha casa. Embora eu estivesse imensamente orgulhosa, na manhã seguinte eu continuava sendo uma mulher negra"

Halle Berry, que venceu a categoria de Melhor Atriz no Oscar em 2002 por sua atuação em "A Última Ceia", em entrevista à revista norte-americana The Cut, revelando que a conquista pouco ajudou em sua carreira

REPRODUÇÃO INSTAGRAM



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"O impacto da IA nas eleições gerais é um dos temas que reclama escuta ativa dos atores do processo eleitoral, bem como das empresas de tecnologia, de modo a construir dispositivos que verdadeiramente contribuam para proteção dos bens jurídicos tutelados por esta justiça especializada"

Kassio Nunes Marques, vice-presidente do Tribunal Superior Eleitoral, na abertura das audiências públicas que vão debater as normas para o pleito de 2026



ROSINEI COUTINHO/ISTOÉ

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

